

COLETÂNEA n. 5

III Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste

2023



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste



Brasília-DF:

SGAS 910, Conjunto B, Bloco E
Sala 119, Mix Park Sul, Asa Sul
CEP: 70390-100



Goiânia-GO:

Rua Dr. Olinto Manso Pereira
St. Sul; nº 673; Sala 305
CEP: 74080-100



Vitória-ES:

Rua Nossa Senhora da Penha, nº 699
Ed. Century Tower, Torre A, salas 814 e 815;
CEP: 29056-245



Campo Grande-MS:

Rua Rui Barbosa;
nº 4138; Centro
CEP: 79002-364

COLETÂNEA n. 5

III JORNADAS DE CARTÉIS DA
ESCOLA BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE LESTE-OESTE

2023



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

Seção Leste-Oeste

COLETÂNEA N. 5

ORGANIZADORA

Claudia Murta

COLABORADORES

Ordália Junqueira

Fábio Barreto

Jaqueline Coelho

Olenice Amorim

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

SEÇÃO LESTE-OESTE

BRASÍLIA, DF.

2023

DIRETORIA DA SEÇÃO LESTE-OESTE

Diretor Geral
Ruskaya Maia

DIRETORA SECRETÁRIA TESOUREIRA

Carla Serles

DIRETOR DE CARTÉIS E INTERCÂMBIOS

Claudia Murta

DIRETORA DE BIBLIOTECA

Denizyê Zacharias

**ORGANIZAÇÃO DAS III JORNADAS
DE CARTÉIS DA EBP-LO****COORDENAÇÃO GERAL**

Claudia Murta

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ordália Junqueira
Fábio Barreto
Jaqueline Coelho

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

Ceres Rúbio
Renata Tavares
Anna Rogéria Oliveira

COMISSÃO DE TESOUREARIA

Ruskaya Maia

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Claudia Murta
Olenice Amorim

COMISSÃO DE INFRAESTRUTURA

Elisa Uyttenhove
Ana Paula do Carmo
Iasmyn Cerutti Rangel
Rafaela Oliveira Quixabeira
Rozilene Martins
Thaís Aguiar
Waleria Paixão
Isangela Lins
Marcia Cristina de Campos
Janaína Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Bruno Senna

CAPA

Bruno Senna

IMAGEM

Fonte Pixabay

REVISÃO

Olenice Amorim



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

SGAS 910, Mix Park Sul, bloco D, sala 118 – Asa
Sul. CEP 70.390-100

SUMÁRIO

9 APRESENTAÇÃO

Claudia Murta

11 INTRODUÇÃO

17 TEXTOS

18 AS MÁSCARAS DE EROS¹

Adriano Moreira

21 CENAS DE UM CASAMENTO: DES ENLACES ENTRE DESEJO E AMOR¹

Yana Lissandretti

24 A MULHER E A VIOLÊNCIA¹

Waléria Maria da Paixão Borges Vieira

27 O SEMBLANTE, NÃO SEM O GOZO – O HOMEM E A MULHER¹

Ceres Lêda Félix de Freitas Rúbio

30 AS NUANCES DA LINGUAGEM NO AUTISMO¹

Daniele de Oliveira Rodrigues

33 A RELAÇÃO COM OS PAIS, O CORPO E A CONSTITUIÇÃO DO FALASSER AUTISTA¹

Regina Cheli Prati

37 PROPOSIÇÕES INICIAIS PARA UM ESTUDO SOBRE O AUTISTA E SEU LUGAR SOCIAL¹

Matheus Silva Casquer

40 SOBRE CONTEXTO: ALGUMAS ELABORAÇÕES SOBRE O SEXUAL NO AUTISMO¹

Renata Coelho Tavares Imperial

44 A INCONSISTÊNCIA DO OUTRO¹

Marcelo Gava

- 47 UM FURO NO MURO DE LINGUAGEM – UMA PERSPECTIVA DE ENTRADA EM ANÁLISE PELO TROUMATISME¹
Fernando Figueiredo dos Santos e Reis
- 51 O FALASSER AUTISTA E O UNIVERSAL DOS ESPECTROS¹
Fábio Paes Barreto
- 54 GÊNERO, ESTRUTURA E MODOS DE GOZO¹
Ana Clara Zaiden de Carvalho Modesto
- 57 AS FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO NA CLÍNICA COM CRIANÇA E ADOLESCENTE¹
Luana Santos Silva
- 60 TRANSEXUALIDADES E A RECUSA DO FEMININO¹
Anna Rogéria Nascimento de Oliveira
- 63 DESEJO DO ANALISTA NO HORIZONTE¹
Robson Campos
- 66 O DISPOSITIVO DE CARTEL E SEUS EFEITOS DE FORMAÇÃO¹
Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira
- 69 A POLÍTICA DA DIREÇÃO DO TRATAMENTO¹
Ordália A Junqueira
- 73 A BRANQUITUDE É REALIZÁVEL A PARTIR DA AUSÊNCIA DO SEU CORPO¹
Marcelle Rodrigues
- 76 CONSIDERAÇÕES INICIAIS PARA O ESTUDO DA DIREÇÃO DA CURA EM CRIANÇAS AUTISTAS¹
Silvana Amado Buainain
- 79 O CORPO NA PSICOSE, INVENTAR UM USO¹
Ivana Peixoto Bueno Corva
- 83 ENTRE O BRANCO E O PRETO: A FRONTEIRA¹
Maria Eduarda Ramos Gazel
- 87 FEMINISMOS E SEXUAÇÃO¹
Tatianne Mil Homens Felipe
- 91 O OLHAR COMO OBJETO PEQUENO α¹
Elisa Martins Uyttenhove

94 EXPRESSÕES DO MASOQUISMO FEMININO¹

Carlos Alberto De Sá Barros Jr

97 SEMBLANTE E O NÃO-TODA¹

Adriana Gomes Pessoa

100 INIBIÇÃO, SINTOMA¹

Claudia Murta

104 POR UMA ESCUTA CLÍNICA QUE LEVE EM CONSIDERAÇÃO
A EXISTÊNCIA DO RACISMO¹

Thaís Aguiar Gomes

108 ADOLESCÊNCIA E SEXUAÇÃO¹

Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer

111 SEMBLANTES E PARCERIA AMOROSA¹

Adriana Gonring

114 A PSICANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DA
SOCIEDADE ANTIRRACISTA¹

Gerson Abarca Silva

117 EXCESSO, ECONOMIA POLÍTICA E ECONOMIA SUBJETIVA¹

Fabício Martins Pinto

121 MAIS-UM, HETERO¹

Jaqueline Coelho

124 PROGRAMA

APRESENTAÇÃO

Claudia Murta

Diretora de Cartéis e Intercâmbio da EBP Seção Leste-Oeste

As III Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise Leste-Oeste apresentam o furo como marca central, tal como tivemos a oportunidade de perceber sua presença por meio do cartaz que convida à participação. A ideia de marcar a presença do furo nessas jornadas surgiu para demonstrar a radicalidade da posição de Lacan em sua proposta da clínica do real e do gozo. A clínica do real está advertida que existe um furo no saber, uma vez que o real faz furo no semblante. A imagem do cartaz é uma tentativa de representar o que Lacan propõe no Seminário 18 a respeito do que se evoca de gozo ao romper um semblante que faz uma brecha, furo. Trata-se de uma referência ao furo no saber, fundamental no dispositivo do cartel e na construção de um trabalho que encarna uma transferência de trabalho sem sujeito-suposto-saber e sem mestre; um lugar para um desejo de saber advertido de que o real sempre escapa. Chegamos a essa elaboração a partir do trabalho da comissão de divulgação das III Jornadas.

As comissões de trabalho das III Jornadas da Cartéis da EBP-LO são divididas em tesouraria, científica, divulgação, infraestrutura e publicação compostas por Mais-uns de Cartéis inscritos na EBP Leste-Oeste. Como a estrutura do Cartel já foi outrora apresentada por Lacan como uma estratégia de guerra, enquanto Diretora de Cartéis da Seção Leste-Oeste, apresento a estratégia escolhida para o nosso trabalho fundada em um significante – coletivo. Como se trata de uma modalidade aberta de ensino, sem paredes, portas, enquadres, salas, pautas, nem mesmo mestre que delimitem sua dinâmica, o único acesso estatutário que a Escola tem a esse ensino é mediado pelos Mais-uns dos Cartéis inscritos. Assim, fazendo um coletivo de Mais-uns que, por sua própria condição, já são fractais do coletivo do Cartel do qual fazem parte, encaminhamos o trabalho de Cartéis da Seção Leste-Oeste. A Diretoria da EBP-LO, por meio da sua Diretoria de Cartéis, se reúne com os Mais-uns de Cartéis inscritos e toma coletivamente as decisões das ações devidas de oferta de espaços de acolhimento para as suas produções, tais como a organização dessas Jornadas, permitindo a apresentação e a publicação dos produtos dos trabalhos de Cartel. Assim, não temos comissões, mas um coletivo de uns, mais uns e, o que ora apresentamos, é fruto desse trabalho coletivo que mostra o retrato da produção da Seção Leste-Oeste da EBP sem filtros e sem semblantes, partindo apenas do furo e do coletivo que o sustenta. A Diretoria da SLO, por meu intermédio, agradece vivamente a oferta de trabalho solidificada pela manifestação de um desejo decido nesse coletivo.

Para abrilhantar esse momento de exposição do saber construído coletivamente, convidamos Marilsa Basso, Diretora de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise que, representa nesse espaço, o acolhimento da própria Escola para a produção dos cartelizantes; assim, a produção será apresentada para a Diretoria da Escola por seu intermédio. As temáticas a serem oferecidas são as seguintes: *autismo; psicose e adolescência; feminino; violência contra a mulher; sexualidade; gênero; racismo; política; formação do analista; desejo do analista; início e fim de análise*; além do próprio *Cartel*. Esses temas perpassam e entrecruzam a produção de vários Cartéis.

Quero deixar minhas boas-vindas às III Jornadas de Cartéis da EBP-LO!

Que iniciem os trabalhos!

INTRODUÇÃO

Claudia Murta, Jaqueline Coelho e Olenice Amorim

As III Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise Leste-Oeste constituem-se por meio das apresentações dos produtos dos trabalhos cartéis inscritos no catálogo da Escola Brasileira de Psicanálise. Tratam-se de reflexões produzidas durante o ano de 2023 a partir de cartéis que, ora podem estar no início de seus trabalhos, ora podem estar em processo de finalização. Nesse sentido, as III Jornadas de Cartéis podem oferecer reflexões em diversos momentos de elaboração, pois os trabalhos foram iniciados em momentos distintos. As temáticas tratam sobre autismo, psicose, feminino, gênero, sexualidade, formação do analista, desejo do analista, início e final de análise, além de política, racismo e o próprio cartel como tema. A comissão científica das III Jornadas dividiu a apresentação dos trabalhos, procurando distribuí-las entre as mesas de tal modo que, ao assisti-las, o frequentador das jornadas possa ter um panorama mais amplo do debate em curso. Contudo, nessa introdução discorreremos sobre os textos seguindo as temáticas e não a composição das mesas.

O primeiro tema que chama a atenção na coletânea foi desenvolvido por **Jaqueline Coelho**, em seu texto, *Mais-um, hetero*, o qual trata sobre o dispositivo de cartel em seus mecanismos de funcionar como uma máquina contra a mestria e contra o funcionamento de grupo, reforçando a função do Mais-um.

Outra temática bastante desenvolvida entre os trabalhos diz respeito ao autismo. Em seu texto, *A relação com os pais, o corpo e a constituição do falasser autista*, **Regina Cheli** trata da questão sobre a estrutura autista, levando em conta os orifícios corporais e os objetos da pulsão, discorrendo sobre a constituição do falasser e do corpo no autismo. Já **Renata Tavares Imperial**, em seu texto, *Algumas elaborações sobre o sexual no autismo*, pondera sobre a necessidade de operar com os conceitos psicanalíticos na teorização sobre o autismo. Sua proposta é investigar o conceito de pulsão na relação com o autismo na subjetivação do sexo, incluindo o avanço de Lacan com o gozo e com as fórmulas, enfatizando que os autistas não estão submetidos à castração. Nesse mesmo sentido, **Silvana Buainain**, em *Considerações iniciais para o Estudo da Direção da cura em crianças autistas*, polemiza a questão do autismo como quarta estrutura. **Daniele Rodrigues**, em *As nuances da linguagem no autismo*, faz um histórico a partir dos critérios para diagnóstico do autismo como síndrome, enfatizando o autismo de alta performance, Asperger. Além disso, pensa sobre a linguagem propriamente dita, levando em conta que os autistas são verborrágicos. **Matheus Casquer**, em seu texto, *Proposições para um estudo sobre o autista e seu lugar social*, discorre sobre a compreensão macro do autismo e a análise de sua constituição de relações na cadeia de significante, ambicionando trazer luz à clínica do autismo pela via do resgate do sujeito autista. Pergunta-se sobre os pais do autista e sobre a consideração do Autismo como doença. **Fábio Paes Barreto**, em seu texto, *O Falasser autista e o universal dos espectros*, esclarece sobre os circuitos do objeto no autismo, levando em conta o diagnóstico do espectro e o autismo infantil precoce. Traz um interessante exemplo clínico que aposta na invenção.

Outra vertente de leitura, dessa vez enfatizando o corpo e a psicose, foi apresentada por **Ivana Corva**, em seu produto, *O corpo na psicose, inventar um uso*, centra-se sobre o caso Schreber, propondo questões em andamento tais como o corpo na clínica de Lacan, além do mal-estar na cultura e nos corpos. Já **Rafae-**

la Pfrimer, com o texto, *Adolescência e sexualização*, dispõe sobre a problemática da clínica do sujeito adolescente pela via das transformações da puberdade no despertar da primavera para chegar à não relação sexual. Ainda no campo do estudo sobre adolescência, Luana Silva, em *As fórmulas da sexualização na clínica com crianças e adolescentes*, traz a vinheta clínica de adolescente com sintoma trans que se posiciona como menino, faz tratamento hormonal e, com base no Seminário 20, a autora propõe, para o caso, a clínica do há Um.

Outra tônica dos trabalhos produzidos para essas jornadas recai no campo do feminino, do semblante, do gozo, das parceiras, das violências contra a mulher, entre outras nuances. Quanto ao tema do semblante, Adriana Pessoa, em *Semblante e o não-toda*, refere-se ao Seminário 18 de Lacan em alusão à articulação do tema sobre a diferença que portam as mulheres em relação aos homens no uso dos semblantes. Seguindo a mesma linha de investigação sobre o semblante, Ceres Rúbio, em *O semblante não sem o gozo, o homem e a mulher*, mediante uma vinheta, indica que nas relações amorosas, o gozo sexual existe coordenado pelo semblante, no entanto, a partir de uma nova posição clínica, a relação do homem e da mulher não faz conjunto. Saindo da vertente do semblante, Tatianne Felipe, com o texto, *Feminismos e sexualização*, aborda o feminino numa via irônica, apontando que a assunção da feminilidade é sempre problemática. De outro modo, Yana Lissandretti, em *Cenas de um casamento: desenlaces entre desejo e a amor*, trabalha o feminino, desejo, amor e devastação, por meio da série *Cenas de um casamento*.

O enfoque do feminino na contemporaneidade não tem como passar da menção ao campo de atuação do enfrentamento à violência contra a mulher. Nas III Jornadas de Cartéis da SLO essa faceta não foi esquecida. O trabalho de Adriana Gonring, *Semblantes e parceria amorosa*, relaciona o feminino ao amor, ao sexo, e aos impasses da sexualização, fazendo a passagem do semblante ao real da não relação, sem deixar de tocar nos conceitos de agressividade, violência e, a maior de todas as violências contra a mulher, o feminicídio. Waléria Paixão, em seu texto, *A mulher e a violência*, testemunha sobre o trabalho de psicanálise em uma instituição assistencial por meio de casos de violências contra a mulher e o feminicídio.

Em outra vertente de abordagem do feminino, **Carlos Alberto de Sá Barros Junior**, no texto, *Expressões do masoquismo feminino*, seguindo a trilha freudiana, remete-nos à fantasia “uma criança é espancada” pela via da vinheta clínica de um paciente homossexual. **Adriano Moreira**, em seu texto, *As máscaras de Eros*, propõe que o semblante pode ser pensado como um esforço simbólico para uma tratativa do real, em uma tentativa de nomeação do gozo. Toma como exemplo, o significante Eros, marca de sua questão de entrada no cartel. **Elisa Martins Uyttenhove**, com o texto, *O olhar como objeto pequeno a*, adota do Seminário 11 o conceito de anamorfose para a análise de um caso clínico que enfoca o olhar do pai alcoolista em direção às mulheres.

O campo de estudos sobre o feminino em psicanálise inclui um intercâmbio com a questão de gênero na atualidade. **Ana Clara Modesto**, em seu texto, *Gênero, estrutura ou modos de gozo*, pretende articular a psicanálise com os estudos de gênero. Com base nas articulações de Lacan no seminário 20, aponta para a busca por um real que as teorias de gênero não alcançam. **Anna Rogeria Oliveira**, em *A transexualidade e a recusa do feminino*, relata sobre o Programa de atendimento do Hospital das Clínicas, levando em conta a recusa do feminino. Seguindo o viés das fórmulas da sexuação, apresenta que a mulher, por uma relação privilegiada com o real, causa horror em homens e mulheres. **Rafaela Quixabeira**, no texto, *O cartel e seus efeitos de formação*, seguindo o anseio de escrever sobre a homossexualidade feminina a partir da psicanálise, se pergunta sobre essa possibilidade. Pelo trabalho em cartel, aborda a questão por uma via orientada pelo desejo e não pela demanda, oferecendo testemunho.

Outro assunto que não deixou de fazer parte de nosso debate nos cartéis inscritos na EBP-LO foi a relação da psicanálise com as questões raciais. Alguns cartéis se debruçam sobre o tema e as primeiras produções começam a aparecer no âmbito da EBP-LO. Nessa vertente de estudo, **Thaís Aguiar**, em seu texto, *Por uma escuta clínica que leve em consideração o racismo*, apresenta algumas elaborações acerca da questão que a anima: “como construir uma escuta clínica que leve em consideração a existência do racismo? ” Investiga os recursos que a psicanálise oferece para escutar sujeitos cujos sintomas revelam as marcas do racismo. Para essa empreitada utiliza o pensamento de Frantz Fanon em paralelo com uma leitura do Estádio do Espelho de Lacan. Seguindo a temática, **Maria**

Eduarda Ramos Gazel, no texto, *Entre o branco e o preto: a fronteira*, aponta para o estudo de questões de raça, cor, colonização/descolonização e as contribuições da psicanálise que se entrelaçam a esses temas. Para tanto, utiliza-se do Estádio do Espelho em seu trabalho na perspectiva de que o ideal do eu no Brasil é sempre branco. Outra nuance na mesma proposta é oferecida por Marcelle Rodrigues, em *A branquitude é realizável a partir da ausência do seu corpo*, ao se perguntar: “como pode o branco não ver cor?” Visando essa questão, refere-se a Lacan para pensar o falo e o branco como objeto de desejo. Gerson Abarca com sua elaboração sobre *A psicanálise na construção de uma sociedade antirracista* se questiona “Como poderia contribuir nesta causa através da minha profissão, sendo eu branco privilegiado e que ao longo dos anos sempre utilizei como ferramenta teórica a Psicanálise que tem sua origem europeia?” Com esta pergunta, inicia leituras de pesquisadoras negras e pesquisadores negros, começando por Lélia Gonzalez com o conceito de Neurose Cultural Brasileira.

Partindo da leitura do Seminário 16 de Lacan, Marcelo Gava, em seu texto, *A inconsistência do Outro*, dispõe que o inconsciente estruturado como uma linguagem dá lugar ao inconsciente real no ensino de Lacan. Iniciando pelas primeiras formulações lacanianas do Outro barrado, chega ao Outro inconsistente. Ainda no mesmo Seminário, Fabrício Martins Pinto, em *Excesso, economia política e economia subjetiva*, questiona sobre a função do excesso na economia política e na economia da subjetivação, tratando do mais de gozar como excesso.

Tratar da interface da psicanálise com a política é um modo de reflexão sobre a política, mas as III Jornadas apresentam trabalhos que versam sobre a política do tratamento analítico e a formação do analista, temas muito caros à Escola Brasileira de Psicanálise. Ordália Alves Junqueira, em seu texto, *A Política da direção do tratamento*, aborda da passagem do sintoma ao *sinthoma* e da necessidade do *desejo do analista* como operador, sendo a política esta *transformação* em relação à *psicanálise pura*. Assim, propõe que o *desejo do analista*, enquanto função analítica, estabelece a política da *direção do tratamento*, indo de encontro à rebeldia do sintoma. Nessa mesma linha, Robson Campos, em *Desejo do analista no horizonte*, faz um percurso do desejo do analista em Lacan, conceito que trata de um operador clínico fundamental.

Por último dois trabalhos apresentados nas III Jornadas da SLO abordam o início e o final de análise. **Fernando Reis**, em seu texto, *Um furo no muro de linguagem – Uma perspectiva de entrada em análise pelo troumatisme*, demonstra que a entrada em análise permite o encontro com o Real que faz furo no simbólico e abala a fantasia. No seu entender, é a suposição do saber no analista que possibilita o surgimento da transferência e o consentimento à sua intervenção, pois o sujeito não sustenta o encontro com o real sem tentar encobri-lo com algum saber delirante que ofereça satisfação pulsional. Na outra ponta do processo analítico, **Claudia Murta**, em *Inibição, Sintoma*, trabalha a relação entre Inibição e Sintoma a partir de uma leitura lacaniana do texto freudiano, alicerçada pelo sintagma parceiro-sintoma de Miller. Para demonstrar praticamente suas elaborações, recorre ao testemunho de passe de final de análise da Analista da Escola em exercício, Tânia Abreu, articulando o sintoma com a inibição.

Esses são os produtos de cartel apresentados nas III Jornadas de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise Leste-Oeste. Aproveitem a leitura!



TEXTOS

AS MÁSCARAS DE EROS¹

Adriano Moreira

f.psi@hotmail.com

○ semblante pode ser pensado como um esforço simbólico para uma tratativa do real, em uma tentativa de nomeação do gozo. Tomemos o significante Eros, por exemplo, que marca minha questão de entrada no cartel. Miticamente o deus do amor dos primórdios da cultura grega, especialmente o amor de característica sensual, passa à cultura como significante da sexualidade no que concerne ao exercício do prazer sexual, aproximando-o mais ao desejo que ao amor, o que também depende do enquadre discursivo em que se trata, por exemplo, amor como investimento libidinal, como comumente é tratado na cultura, ou desejo como uma das formas de lidar com a falta ou castração pela via da psicanálise.

Sabemos que uma análise passa pela travessia dos semblantes que constituem os variados discursos do simbólico, semblantes presentes na experiência de análise para que o real mascarado pelos mesmos possa mostrar ao sujeito que “a verdade tem estrutura de ficção”, afinal, Lacan afirma que o significante é idêntico ao status do semblante:

É nessa medida que não há semblante de discurso. Tudo que é discurso só pode dar-se como semblante, e nele não se edifica nada que não esteja na base do que é chamado de significante. Sob a luz em que hoje o produzo para vocês, *o significante é idêntico ao status como tal do semblante.* ² (grifo nosso).

Recorrendo a uma das versões míticas sobre Eros, a descrita por Sócrates e resgatada por Lacan em seu seminário sobre a transferência ³, Eros é filho de Poros, símbolo da abundância, e Pênia, símbolo da escassez. Como em uma banda de moebius, Eros encontra-se em um “entre dois”, entre o excesso e a falta, passando de um a outro topologicamente. Como semblante nos convém o caráter abundante do significante, preferindo ignorar sua contraparte de falta, o que vem à tona sob o dito piegas “o que me falta é um amor”, ignorando que o amor também é da ordem de uma decisão: a decisão de amar ou conceder com a castração nessa posição de falta e se abrir à possibilidade da eleição de alguém que se posicione como falo e, portanto, se colocando como faltante e fazendo valer o par amoroso constituído de amante e amado: “[...] a castração é o que permite a relação sexual. É preciso que o parceiro seja apenas aquilo que responde ao lugar de falo.” ⁴ Se permitir amar é justamente a barreira a atravessar, como aponta Lacan ⁵. Nos diz Lacan:

Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem. É isso que constitui a relação com a outra parte. É à luz disso, que constitui a relação fundamental, que cabe interrogar tudo o que, no comportamento infantil, pode ser interpretado como orientando-se para esse parecer-homem. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente na dimensão do semblante. ⁶

Sob determinado aspecto algumas narrativas sobre o amor estão próximas ao que o senso comum chama de paixão, uma mistura de desejo, emoção e desafio, o que não deixa de constituir um amor narcísico, porque implica inconscientemente imagens de um eu ideal ou de um ideal de eu. O semblante da paixão vela o real do gozo. Essa posição impede a vivência do amor como dom, tal qual Lacan articula a partir da antropologia de Lévi-Strauss e Marcel Mauss, que

funciona em uma lógica circular: dar, receber e retribuir. Tal lógica simbólica aqui é obliterada pelo gozo, pois que o sujeito: 1) não sabe dar, oferecendo a uns tudo e a outros quase nada; 2) não sabe receber, supervalorizando o pouco e desvalorizando o muito, e 3) portanto, não sabe como retribuir. É assim que o sujeito vestido de Eros e suas máscaras de liberdade pode também se vestir dos semblantes que mascaram a ferocidade do gozo e o distanciam de um “amor mais digno”.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel LEITURA DO SEMINÁRIO XVIII DE LACAN – de um discurso que não fosse semblante. Cartelizantes: Tania Regina Anchite Martins (Mais-Um), Adriano da Silva Moreira, Fernanda de Fátima Fernandes, Jaqueline Moreira Coelho, Maila T. Reis Rocha Siqueira, Suraia Oliveira Veloso.
- 2 LACAN, Jacques. Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p.15.
- 3 LACAN, Jacques. Seminário, livro 8: a transferência. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- 4 Ibid, p.163.
- 5 Ibid, p.166.
- 6 Ibid, p.31.

CENAS DE UM CASAMENTO: DES ENLACES ENTRE DESEJO E AMOR¹

Yana Lissandretti

yana_julia@hotmail.com

Se “o desejo é a metonímia do ser no sujeito”², quais os efeitos disso no campo do amor? O que suscita a escrita deste trabalho é essa questão que tem sido lapidada no Cartel do Seminário 20.

Lacan conceitua o amor como “paixão ignorante do desejo, pois “ignora que é apenas o desejo de ser Um, que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos”³. Compreende-se disso que o amor ignora a falta que constitui o desejo. E, com isso, estamos diante de um dos efeitos do desejo na esfera do amor: é o amor uma possibilidade de reaver a falta constitutiva do desejo, porém, ignora que, mesmo elegendo um objeto amado, ele – o desejo – quer sempre mais. Mais, ainda. É aí que muitos relacionamentos fracassam, divórcios acontecem, traições e por que não a nova tendência ao poliamor e as relações não monogâmicas dos tempos

atuais? Contrariamente a isso, penso também nas relações que resistem a passagem do tempo e aos atravessamentos da castração. O que as faz resistir é o desejo? Ou o amor “Aquele que tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”? ⁴

Como forma de ilustração, recorro a uma série: Cenas de um casamento. Nela, Jonathan, na tentativa de não se a ver com a própria falta e nem com a de Mira, sua esposa, colocou-se numa posição de objeto do desejo dela e o seu ficou sufocado num sintoma asmático. Mira, por sua vez, vai em busca de outra relação, pois não acredita que pode viver sozinha e, vendo a falência do casamento atual, comparece com o desejo também em outros lugares. Contraditório como o desejo pode ser, foi esse mesmo ato de traição que permitiu que ela comparecesse de forma mais digna com seu próprio desejo e saísse da relação falida.

A separação é bastante sofrida e demorada. Quando finalmente conseguem dividir os bens e se encontram para assinar os documentos transam e também cedem ao ódio. Nesse momento, Jonathan também já está em outro relacionamento, mas, ao pedido dela para voltarem, não conseguem ceder a vontade de estarem juntos e nem mesmo a nova vida que cada um já constituiu. Ainda nesta cena, Jonathan confessa que trai a esposa atual com outras mulheres além dela.

Aí está o desejo que não cessa – desejando sempre mais ainda – e o amor, como tentativa de obturação da falta. Somado a isso, vemos que se a falta é obstáculo para uma relação sexual existir, o amor, ainda que faça suplência, também não é capaz de fazer com que ela exista. E pior, como paixão ignorante, o amor pode fazer o desejo sucumbir, desaparecer e junto dele, os sujeitos desejantes.

Posteriormente ao divórcio, o casal se enlaça de uma maneira diferente. E por isso não é possível dizer que o amor acabou junto com a instituição casamento, mas, certamente, que ela – a separação – abriu espaço para o desejo singular e a possibilidade de serem, Um COM o outro. Seria o desejo reavivado em cada um o que os enlaça novamente após a separação? O desejo é mais forte do que o amor para fazer uma relação resistir?

No final da série o casal parece abrir mão de fazer a relação sexual existir e, com isso, inventam um novo modo de amar. Não mais como paixão ignorante do desejo, mas como aquilo que visa o ser do sujeito. Pois, 'o amor visa ao ser. Ser

que faz surpresa. ' ⁵. Cito Miller, 'para que haja amor, há uma condição de castração' ⁶. A passagem evidencia que a verdadeira condição do amor é uma posição assumida da castração. E, ao que tudo indica, foi isso o que permitiu a invenção de um novo amor.

Por fim, a série ilustra que mesmo com a inexistência da relação sexual, uma relação subsiste se houver desejo. Mas não subsiste se, mesmo havendo amor, o desejo não comparecer. Ensina também que nenhum dos dois é capaz de fazer a relação sexual existir. Pois o amor jamais fará existir aquilo que não cessa de não se escrever. Mira e Jonathan nessa impossibilidade, fizeram suas escolhas: entre amor e desejo ficaram com o desejo. Pois só ele pôde fazer cada um dos dois existirem enquanto sujeitos e desejantes. O amor não pôde. Pois, 'o amor é impotente, ainda que seja recíproco. ' ⁷

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel em formação LEITURA DO SEMINÁRIO XX DE LACAN – Mais, ainda. Cartelizantes: Tânia Mara Alves Prates (Mais-Um), Cristina Alves Barbosa Santos, Fernanda de Fátima Fernandes, Nadja Martins, Yana Julia Lissandretti.
- 2 LACAN, Jacques. Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1901-1981 p. 32
- 3 LACAN, Jacques. Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1972-1973. p.13
- 4 BÍBLIA, A. Coríntios 13:7. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- 5 LACAN, Jacques, (1972-1973). Op cit., p.45
- 6 MILLER, Jacques-Alain. Uma Partilha sexual. Opção lacaniana online. Ano 7. N. 20. Julho de 2016; p. 13
- 7 LACAN, Jacques, (1972-1973). Op cit., p. 13

A MULHER E A VIOLÊNCIA¹

Waléria Maria da Paixão Borges Vieira

waleriapaixao@gmail.com

Há 19 anos, venho desenvolvendo um trabalho de psicanálise em extensão em uma reconhecida instituição de assistência social. Recebo sujeitos do interior do Estado que possuem dificuldades financeiras e buscam tratamento médico na capital. Assim, durante o tempo do tratamento, eles têm a possibilidade de serem atendidos por mim. Trago hoje duas breves vinhetas, com o objetivo de apresentar a questão da mulher e a violência.

As enfermeiras me pedem ajuda: um senhor de 50 anos, baixo e carrancudo, que acompanha uma filha de 7 anos com um tumor na cabeça, tentou impedir a aproximação da enfermagem. Chego até ele dizendo que não é comum que um pai acompanhe a filha em tratamento e o parabenizo. Conquistando sua confiança, libero a entrada da equipe. *Fico louco com mulher*, ele me conta, *sou capaz de puxar para o banheiro do hospital e fazer sexo à força. Não me controlo*. Recolho este seu significante e lhe digo que se não se *controlar* poderá colocar

o tratamento da filha em risco. Também falo, de forma calculada, que a mulher pode não gostar e ele ser preso.

Dois dias depois, uma jovem de 26 anos chega para visitar a filha. Linda, rodeada dos filhos e acompanhada por um casal, ela é a mulher do homem *louco por mulher* que “a pegou” com 12 anos e a colocava para trabalhar na roça, em seu lugar, enquanto ficava deitado na rede, história contada pela patroa que a levou para trabalhar em sua casa. Ele quer se mudar, ela se recusa e me conta, neste dia, que ele a agredia. Falo para ela, na presença dele, que chame a polícia, se isso se repetir. Ela se despede e eu ainda o atendo por 7 dias, quando é finalizado o tratamento da filha. Oito meses depois, recebo a notícia que ele matou a jovem mulher à machadadas.

Segunda vinheta: uma mulher me chega, também por meio da enfermagem. Quilombola, carrancuda, tem o hábito de escutar a conversa dos outros sem dizer uma palavra, encarando-as. “Parece um bicho do mato à espreita” – é como a descrevem. No atendimento, ela me conta que *tinha canso na mãe do corpo*, referindo-se a um câncer de colo de útero. Fala do trabalho na roça, de desejos e medos que, aos poucos, vão sendo significados durante os atendimentos que duram mais de 3 meses, o que possibilita seu aparecimento como um sujeito. Coloca tranças no cabelo, conversa, sorri, volta para casa e faz retornos de revisão de seu tratamento.

Transferida desta unidade, retorno 10 anos depois e a encontro. Se mostra como uma mulher com autonomia e fluência na fala, que acompanhava o marido em tratamento de câncer. Não a reconheço, é a mesma mulher e, ao mesmo tempo, é outra. Ela me agradece *pela ajuda*.

Segundo Lacan, em seu seminário 20, o que é capaz de responder sobre o gozo do corpo do Outro, não é o amor, mas o amuro, o que aparece em signos bizarros no corpo.² Como o machismo e o racismo tão presentes na cultura em que estão inseridos marcaram esses sujeitos com esses signos de amuro. Nestas mulheres, observo marcas de tentativas de controle do gozo em seus corpos e o modo como conseguem lidar com isso. Por mais que exista proteção, não há garantias, como aconteceu na primeira vinheta.

Já no segundo caso, contradizendo o mundo, ela consegue florescer como ser falante que pode assumir uma boa parcela de seu gozo e fazer acontecer seus desejos, libertando-se de uma vida isolada.

Considerando o que destaco nestas vinhetas, acredito que, mesmo em poucas horas, o atendimento em uma casa de apoio pode ser a única chance de um sujeito fazer alguma mudança subjetiva em sua vida, a partir do possível encontro com um praticante da psicanálise que precisa estar situado no contexto sócio-político dos sujeitos que recebe e de sua própria cultura, e por isso levar em conta o sofrimento e as marcas profundas que o racismo e o sexismo deixaram nos corpos dos sujeitos que atende. Só assim há possibilidade de considerar a singularidade de cada um.

Para estas Jornadas, trago este tema que comecei a estudar num Cartel que foi dissolvido: o feminino. Porém, o desejo de “mais, ainda” permanece e hoje participo de um cartel em formação sobre este mesmo tema.

REFERÊNCIAS

1 Cartel em formação. MAIS ATURDIDO AINDA. Cartelizantes: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Lohaine Jardim Barbosa, Marcia Barros Rodrigues, Waléria Maria da Paixão Borges Vieira.

2 LACAN, Jacques. Seminário, livro 20: mais, ainda. RJ. Zahar.1985, p.13.

O SEMBLANTE, NÃO SEM O GOZO – O HOMEM E A MULHER¹

Ceres Lêda Félix de Freitas Rúbio

ceresleda@hotmail.com

T rago dois recortes para tratar o que é da ordem do semblante e da fantasia sustentar ou não, a não existência da relação sexual, e, como resultado, levar à devastação ou ao amor. A mulher e o homem na relação com o semblante e o gozo lidando distintamente.

“Como estar perto com cada um olhando para um lado?”. Uma pergunta de uma mulher na clínica, devastada no amor e que faz enigma, nos apontando a não existência da relação sexual. Quando os semblantes caem, algo do real se faz presente e o amor e a fantasia não mais sustentam a relação. Isso é recorrente na clínica com mulheres, elas as que mais se servem dos semblantes e liberdade com eles. Ao perder o lugar no desejo do outro, a angústia surge, podendo deixá-la à deriva em um gozo infinito, perdida, sem nomeação, caindo do lugar de ser o Outro para o homem. A pergunta inicial marca um im-

passee, uma nova posição clínica e uma possível invenção para o que é da ordem do impossível, não se faz conjunto na relação entre homem e mulher.

Por outro lado, os semblantes, a fantasia e os equívocos podem construir e sustentar o desencontro de dois seres que não falam a mesma língua, com modos de gozo distintos, e um amor aparecer. Como na canção de Clarice Falcão “Eu me lembro”. Um casal conta o des-encontro do início da relação, cada um a seu modo, como experimentaram o que já estava ali desde o começo, um descompasso:

Era manhã/ (Três da tarde) / “[...]” Eu disse: Oi! Fica à vontade/ (Eu é que disse oi, mas ela não ouviu/ E foi assim que eu vi que a vida colocou ele (ela) pra mim/ “[...]” Ali naquela terça-feira (quinta-feira) de setembro (dezembro)/ “[...]” A festa foi muito animada/ (Oito ou nove gatos pingados no salão)/ “[...]” Ela me achou muito engraçado/ (Ele falou, falou e eu fingi que ri)/ A blusa dela tava do lado errado/ (Ele adorou o jeito que eu me vesti) “[...]”.

No que concerne ao campo da sexualidade e das relações amorosas, a psicanálise tem o que dizer, os semblantes e o imaginário predominam. O discurso da psicanálise, diferente do discurso da ciência, é aquele que só encontra o real a partir da função do semblante² e só a partir do aparelho do discurso que se pode designar o que é real, o real que faz furo.

A fantasia é concebida no discurso da psicanálise como o seu campo da verdade, fruto das consequências desse discurso e que não é permeável a todos os sentidos. É só a partir da relação entre um homem e uma mulher que se pode defini-los, diz Lacan. E essa relação se dá a partir de um discurso linguageiro, um semblante veiculado no discurso, isso o distinguindo da natureza animal³. Entretanto, o gozo sexual no humano aparece fazendo furo, um real, levando o falasser a uma passagem ao ato, uma amplificação do semblante nessa relação, que Lacan chama de paixão.

O que isso ensina? O gozo sexual existe, mas coordenado com um semblante, solidário a um semblante, ele não vem sozinho no humano. Lacan chama de o mais-de-gozar, uma articulação com a apreensão do objeto, transformado

em objeto a , o real do gozo está ali imbricado no objeto a , essencial para o falar. Estar apaixonado é estar atraído pela idealização que se faz do outro, mas não é só isso. É crer ao máximo na fantasia, no semblante construído, mas que ali há um gozo na relação com o semblante ⁴. O mistério da sexuação é um gozo no corpo não sem o semblante, a linguagem.

Nessa operação do semblante e o gozo, entre o homem e a mulher, qual é o lugar do semblante?

É a partir do semblante que se define o que é o homem e a mulher. Para o homem a mulher é a hora da verdade, no que toca o gozo sexual ela está na equivalência entre o gozo e o semblante, é um gozo fálico. A mulher seria aquela que mantém o semblante para o homem, dele parecer-homem, ele se servindo dessa dimensão para parecer-se assim para ela, e que ela confirme esse lugar. É por isso, que o gozo no homem é semblante ². Vê-se na música: “ela me achou muito engraçado” ao que ela conclui, “ele falou, e eu fingi que ri”.

Para a mulher, inversamente, é disjunto o gozo e o semblante. A mulher estaria mais do lado do real, ela detém o saber da verdade, é nisso que ela é o Outro para um homem, podendo dar consistência ou não a ele.

REFERÊNCIAS

1 Cartel LEITURA DO SEMINÁRIO XVIII DE LACAN - de um discurso que não fosse semblante. Cartelizantes: Ceres lêda Félix de Freitas Rúbio (Mais-Um), Adriana Pessoas, Adriana Goring, Alberto Murta, Ana Paula Rezende.

2 LACAN, J. *O Seminário - de um discurso que não fosse semblante*. Livro 18. Rio de Janeiro-RJ : Jorge Zahar, 2009. 24-33.

3 Ibid.

4 Ibid.

AS NUANCES DA LINGUAGEM NO AUTISMO¹

Daniele de Oliveira Rodrigues

danieleor26@gmail.com

Em 1943 o psiquiatra austríaco Leo Kanner publicou um estudo que marcou o lugar do autismo no rol das síndromes e o diferenciou da esquizofrenia infantil. Na descrição de Kanner, a partir da observação do compilado de onze casos, constatou-se que as crianças autistas apresentavam dificuldades na interação social, até mesmo com os familiares, imutabilidade, ou falas sem a finalidade de comunicação e fixação em determinados objetos. Todos sintomas presentes desde a mais tenra idade.

Contemporâneo a Kanner, o médico Hans Asperger também contribuiu com novas descobertas sobre o autismo. Ele constatou que algumas crianças apresentavam um quadro semelhante com o descrito por Kanner, porém tinham alguns aspectos distintos – conseguiam se comunicar e não apresentavam déficit intelectual.

Desde o estabelecimento da nomeação do autismo até o momento atual, o termo sofreu mudanças em

sua compreensão e dos sintomas que o constituem. Conforme a edição do DSM-5, passou-se a utilizar o conceito Transtorno do Espectro Autista (TEA). A mudança para espectro traz a concepção de que há níveis e nuances bem distintas em relação à expressão dos sintomas. Essa mudança também suscita um embaraço no diagnóstico, pois não especifica com clareza os limites estabelecidos pelos critérios diagnósticos.

Quando essa gradação está mais próxima do que conhecemos como autismo clássico, geram-se poucas dúvidas quanto ao diagnóstico, porém quando os sintomas não geram tantas dificuldades na vida dos indivíduos, alguns casos passam despercebidos. Há bastante discussão e estudos sobre o autismo clássico, aquele cunhado por Kanner, e sobre os autistas de alto funcionamento, mas e sobre aqueles que não estão nem numa ponta nem na outra da graduação?

A psiquiatria parte de um modelo descritivo dos sintomas para diagnosticar o autismo, mas à psicanálise importa qual a posição subjetiva frente à linguagem. O psicanalista Patrício Bayón², a partir da lógica lacaniana, estabelece que no autismo há uma detenção, um congelamento da linguagem. O que fazem então os autistas que de alguma forma, a sua maneira, se “descongelam”?

Sobre os primeiros traços observados nas crianças autistas, como o mutismo e a falta de atenção compartilhada, Maleval³ constrói uma relação entre a presença desses sintomas e a retenção dos objetos da pulsão, que nesse caso são os objetos voz e olhar. O autista se protege do desejo do Outro a partir da retenção dos objetos pulsionais. Seria então os que de alguma forma conseguem ceder o objeto voz, e os demais objetos, aqueles que conseguem se lançar no angustiante e incerto campo da linguagem?

Podemos supor que o mutismo seletivo e a seletividade alimentar sejam formas onde o sujeito autista conseguiu diminuir a angústia diante do Outro, porém sem excluí-la de vez? Seriam eles uma forma de borda ao gozo? Tenho mais perguntas que respostas.

REFERÊNCIAS

1 Cartel TEORIA E CLÍNICA DO AUTISMO. Cartelizantes: Fabio Paes Barreto (Mais-Um), Daniele De Oliveira Rodrigues, Matheus Silva Casquer, Regina Cheli Prati, Silvana Raquel Amado Buai-

nain.

2 BAYÓN, Patricio. El autismo, entre la lengua y la letra. Buenos Aires: Editorial Grama, 2020.

3 MALEVAL, Jean-Claude. La Difference Autistique. França, 2022.

A RELAÇÃO COM OS PAIS, O CORPO E A CONSTITUIÇÃO DO FALASSER AUTISTA¹

Regina Cheli Prati

reginacheliprati@gmail.com

Se ter um corpo no caso das neuroses e das psicoses traz complicações, como é não o ter? Da mesma forma que ao nascer o bebê ainda não está inserido na linguagem apesar de ter um nome e um lugar na família, não nascemos tendo um corpo, e muito menos, sabendo que o temos. A esse respeito dizem Carbonell e Ruiz, “ter um corpo não é nada simples [...]. Pelo contrário, é uma relação que se constrói, principalmente nas primeiras fases da vida”². Para chegarmos a tê-lo é necessário, por um lado, construir uma autoimagem e identificar-se com ela e, por outro, organizar ao redor das funções corporais, a satisfação que dele se obtém.

Esse processo não é em nada natural. Para nós, seres falantes, até as funções básicas de dormir, comer, de-

fecar e falar, são atravessadas e condicionadas pela linguagem. Isso quer dizer, que algo do corpo deve ceder para dar lugar ao Outro.

Por exemplo, o controle esfinteriano não requer apenas a maturação neurológica, mas também que a criança consinta em separar-se das suas fezes e ceder algo do seu próprio corpo às exigências do Outro³. A boca é um outro exemplo, serve para comer e obter prazer mais além da necessidade orgânica⁴.

Desde o nascimento os pais se preocupam com o apetite, o sono, as fezes, o olhar e os balbucios do bebê. Esses “objetos” aguardados pelos pais, denominados pela psicanálise como objetos pulsionais, se constituem em torno dos orifícios corporais (boca, esfínteres, olhos e ouvidos), são elementos de gozo que ocupam um lugar importante no intercâmbio com o Outro. Sobre esses objetos (oral, anal, olhar e a voz), designados por Lacan como objetos *a*, o Outro do significante impõe a sua estrutura.

De acordo com Grandin e Panek (2022), Kanner no artigo de 1943 diz que as crianças autistas tinham vindo ao mundo com uma “incapacidade biologicamente inata de formar laços afetivos”⁵. No entanto, em 1949, ele muda a atenção do biológico para o psicológico e afirma que “as crianças autistas em geral eram filhas de pais que ‘se descongelaram apenas o suficiente para gerar um filho’”⁶.

Essa tese de Kanner foi defendida pelo psicanalista Bruno Bettelheim, radicado nos Estados Unidos, o que acabou dando origem à falsa ideia de que a psicanálise culpa os pais pelo autismo.

Contudo, a leitura feita por Sanabria (2019), do texto de Freud *A hereditariedade e a etiologia das neuroses* (1896), parece bastante elucidativa a esse respeito. Diz a autora,

Também não encontramos nada remotamente semelhante no próprio Freud, que já em seus primeiros trabalhos, [...], separou claramente as ‘causas específicas’, ligadas à ‘constituição libidinal’ (isto é, ao modo singular de gozo do sujeito), das ‘causas concorrentes’ ou acidentais (onde incluiríamos o papel da educação e dos pais) e

as ‘condições’ ou a predisposição hereditária⁷.

Assim, não é a relação com os pais o determinante do autismo como também não o são os fatores biológicos. Pelo contrário, para a psicanálise de orientação lacaniana, o que acontece no autismo é uma exclusão ao nível do significante.

Como já dissemos em um texto anterior⁸, para que o bebê adentre ao mundo da linguagem, é preciso o encontro com a materialidade sonora, os S1 que se chocam com o corpo e injetam gozo.

Castro (2023), a respeito disso, esclarece: há no autismo “apenas uma mínima alienação – o suficiente para o autista se expressar, mas não uma separação, que teria como resultado a queda do objeto *a*”⁹. Isso é o que produz o corpo encapsulado, onde o gozo não está localizado e os objetos oral, anal, escópico e vocal não participam do intercâmbio com o Outro. No entanto, não é apenas isso.

Miller no prefácio ao livro de Maleval, *La Différence Autistique* (2022)¹⁰, pergunta se não é mais apropriado falar da exclusão do “plugue do significante mestre inicial, o S1”. E pergunta,

Não é o domínio ausente o que retorna na forma pluralizada dessas regras absolutas e ordenações rígidas que todos os testemunhos atestam que o autista aspira? Deste ponto de vista, o efeito da exclusão de S1 seria a sua metamorfose multiplicativa em um enxame. Arrisquemos esse matema: (S1)⁰ S1 S1 S1 S1...¹¹

Assim, à medida em que o Cartel avança pretendo esclarecer em que consiste essa exclusão do plugue do significante mestre inicial, o S1, proposto por Miller. É por essa via que continuarei minha pesquisa acerca da constituição do falasser autista.

REFERÊNCIAS

1. Cartel TEORIA E CLÍNICA DO AUTISMO. Cartelizantes: Fábio Paes Barreto (Mais-Um), Silvana Raquel Amado Buainain, Matheus Silva Casquer, Daniele de Oliveira Rodrigues e Regina Cheli Prati.
2. CARBONELL, Neus. e RUIZ, Iván. No todo sobre el autismo. Barcelona: Gredos, 2013. p. 78.

3. SANABRIA, Ángel. Joye, “El Niño Mecánico”: El cuerpo sin agujeros del autista. (2019). Disponível em: <https://fapol.org/cythere/cythere-2/>.
4. CARBONELL, Neus. e RUIZ, Iván. No todo sobre el autismo. Barcelona: Gredos, 2013.
5. GRANDIN, Temple. e PANEK, Richard. O cérebro autista: pensando através do espectro. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022. p. 14.
6. Ibid., p. 15.
7. SANABRIA, Ángel. Joye, “El Niño Mecánico”: El cuerpo sin agujeros del autista. (2019). Disponível em: <https://fapol.org/cythere/cythere-2/>. p. 1.
8. PRATI, Regina Cheli. A constituição do falasser autista: um esforço de mostraçã. Apresentado na Noite de Cartéis da SLO, em 30/05/2023.
9. CASTRO, Bartyra Ribeiro. Tempo presente da investigação do autismo no PIPA (e rabiola). 2023. (Inédito). p. 2.
10. MALEVAL. Jean Claude. La Difference Autistique. França, 2022. (Inédito).
11. MILLER, Jacques-Allain. Prefácio ao livro La Difference Autistique. In: MALEVAL. Jean Claude. La Difference Autistique. França, 2022. (Inédito). p. 13.

PROPOSIÇÕES INICIAIS PARA UM ESTUDO SOBRE O AUTISTA E SEU LUGAR SOCIAL¹

Matheus Silva Casquer

matheusscasquer@gmail.com

Sempre vi a psicanálise como o estudo do sujeito por ele mesmo. Ainda que após alguns anos tenha havido reconstrução de muitos conceitos, um entendimento persistia de pé: a análise é o estudo do sujeito por ele mesmo. Até o momento em que a trajetória que percorro cruzasse com este cartel e fizesse com que também isso fosse por mim questionado.

O sujeito autista, como todos, é embebido em expectativas muito antes de nascer. Todavia, um fenômeno lhe acomete: o próprio significante autismo.

Como médico psiquiatra, recebo com alguma frequência em meu consultório pacientes autistas. Do ponto de vista da medicina, o autismo entra no eixo diagnóstico dos transtornos do neurodesenvolvimento², e não no dos

transtornos mentais. Esta separação implica em uma constatação: o diagnóstico não é de um fenômeno que acomete o sujeito, mas sim, do próprio.

Um sujeito é autista. Não está com autismo. Traz consigo uma diferença importante de outras condições, pois constitui-se assim desde muito cedo. Isso soa, por vezes, como uma sentença, ao passo que instaura um significativo avassalador. Varre de uma só vez toda a carga de suposições anteriores e lhe marca uma outra conjuntura, mais permeada ainda de construções imaginárias que vêm do outro: o que era para ser, não será.

O direcionamento deste trabalho será alicerçado fundamentalmente na prática clínica. O ensino de Lacan lança luz a uma série de questões com as quais o clínico se depara. Desafios que ultrapassam a própria lide com o sujeito, residindo em estruturas sociais, documentações, instituições e discursos carentes de inversões podem ter sua compreensão ampliada.

Inicialmente, irei estruturar meus estudos em seções que surgem na prática clínica e que permitem iniciar o olhar para esta questão. Trago abaixo duas delas:

E os Pais de Autista?

No momento em se diagnostica um autista, também é constituído um outro significante, tão carregado quanto o primeiro: os pais de autista. Atravessados por um afeto de culpa, derivado de processos mal explicados e novas responsabilidades hercúleas a serem assumidas para que o filho tenha um “desenvolvimento mais próximo do normal”, esta combinação desastrosa de um simbólico mal nomeado com um imaginário sufocante faz com que os pais de autista regridam expressivamente em sua posição de se a ver com o próprio desejo e mergulhem em um mar de fantasias constituídas a partir daí. “Oh Outro, se não fui bom o suficiente para criar um “filho normal”, o que devo fazer para redimir-me o máximo possível?”. Os resultados das respostas criadas a esta demanda costumam ser impassíveis. Perde-se o investimento libidinal em diversos aspectos como a própria relação matrimonial, para investi-lo em uma dívida angustiante que deixa marcas permanentes nas trajetórias de todos os envolvidos, colocando-os em um lugar bastante difícil de se atravessar. O caminho parece agarrar-se nesta única tábua de salvação e apostar ainda mais nisto que, em um primeiro mo-

mento é um diagnóstico, mas acaba por se tornar uma causa – o sujeito passa a ser puramente externo e o que resta é reivindicar mais e mais direitos ³ na esperança de uma redenção.

Autismo é doença?

Uma das abordagens aos cuidadores e pacientes autistas é: “o autismo não é doença”. Contudo, exige um intensivo “tratamento”, consultas regulares com um médico, por vezes há a implicação do uso de medicações acessórias, diversos profissionais de equipas realizam planos terapêuticos... como não ver como doença? A lacuna desta resposta é ocupada por: “este sujeito precisa ser ajudado”. Ora, toda criança necessita ser ajudada, a capacidade de lidar com a linguagem não vem de bandeja para ninguém. No entanto, este raciocínio abre portas para métodos que ocupam o espaço do próprio sujeito e sua subjetividade. Há de se resgatar este aspecto, pois mesmo com um corpo “deficiente”, um sujeito não cessa de ser um sujeito ³.

Por fim, este primeiro texto traz a apresentação e considerações iniciais daquilo que proponho como o trabalho a ser feito neste cartel. As questões centrais dizem respeito a uma compreensão macro do autismo para a então análise de sua constituição de relações enquanto cadeia de significante, ambicionando trazer alguma luz a árdua tarefa daquilo que é uma questão central na clínica do autismo: o resgate da subjetividade.

REFERÊNCIAS

¹ Cartel TEORIA E CLÍNICA DO AUTISMO. Cartelizantes: Fabio Paes Barreto (Mais-Um), Daniele De Oliveira Rodrigues, Matheus Silva Casquer, Regina Cheli Prati, Silvana Raquel Amado Buainain.

²AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM-IV*. São Paulo: Manole, 1994.

³ LAURENT, Éric. *A batalha do autismo: da clínica à política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 31-33.

SOBRE CONTEXTO: ALGUMAS ELABORAÇÕES SOBRE O SEXUAL NO AUTISMO¹

Renata Coelho Tavares Imperial

tavaresrc01@gmail.com

No campo do autismo lida-se com o desafio em operar com os conceitos psicanalíticos chamados *fundamentais*. Neste trabalho, propõe-se investigar o conceito de pulsão em sua articulação com o sexual nos autismos. Freud afirma que a pulsão é um conceito fundamental, base da psicanálise. Reconhece sua importância no desenvolvimento do ser humano em seu processo de diferenciação entre um fora e um dentro, *um mundo interior* e os estímulos recebidos do exterior. Um de seus traços distintivos é “sua inexpugnabilidade pelas ações de fuga”². Freud constata “o quanto a introdução das pulsões torna complexo o simples esquema reflexo fisiológico”³, colocando “exigências muito mais elevadas ao sistema nervoso, bem como obrigando este sistema a abdicar de sua intenção ideal de conservar afastados os

estímulos distantes, pois mantêm um inevitável e contínuo afluxo de estímulos”⁴. Neste sentido, nenhum ser falante é capaz de fugir de suas pulsões, e nem de cessar sua constância.

O conceito freudiano de pulsão se coloca na fronteira entre o anímico e o somático. Em psicanálise privilegia-se o anímico e as influências do externo, como a cultura. Mas quando se lida com sujeitos autistas, que desde muito cedo têm dificuldades em lançar mão dos recursos da linguagem para construir essas fronteiras do corpo, do dentro e do fora, e suas articulações com o social, é inevitável voltar a atenção para o que se passa no organismo. Além de retomar a origem do nome autismo, *autoerotismo*, ponto de grande relevância na origem das pulsões sexuais, segundo Freud. Para ele as zonas erógenas possuem uma importância na organização do psiquismo humano, mas ao mesmo tempo todo o corpo é tomado pelas pulsões sexuais.

Segundo Maleval⁵, uma das três características da estrutura autista é a retenção inicial dos objetos pulsionais. Desde bebê, encontra-se sinais no autista da retenção dos objetos voz e olhar, que não entram na relação de troca com o Outro. E na adolescência, momento privilegiado de encontro com o sexual, com o outro sexo, como os autistas lidam com isto?

Freud demonstrou que a subjetivação do sexo é um processo complexo e cheio de desvios. Lacan avançou neste ponto com a construção do conceito de gozo e de sexuação; com suas fórmulas da sexuação efetivou sua proposta do além do falo, sustentando que não todos estão submetidos à castração. Esta constatação Lacan⁶ a generalizou, permitindo-lhe “destacar o modo de gozo singular de cada um, para além ou resto da função fálica”⁷.

Os autistas seriam um destes sujeitos que não estão submetidos à castração. Em relação à sexuação, sua posição de gozo frente ao real da sexualidade, tomo como uma referência a fala de Ivan Ruiz⁸: “Não estou certo de que possamos dizer que no autismo há um gozo sexual como tal. Mas há, sim, um excesso de gozo no corpo.” Ruiz questiona o que se passa com seres falantes que não verificamos uma experiência de sexuação no sentido da convergência da identificação com o gozo sexual. Ele propõe

duas consequências dessa convergência que não se produz, sendo a primeira a constatação, por parte do sujeito, de que o sexual encerra um sem sentido do qual é conveniente se manter à distância. Essa distância pode ser, inclusive, a anulação de todas as vias possíveis de acesso e contato com o corpo do outro⁸.

Ele cita Donna Williams: “frente à ausência de qualquer sentimento corporal interior com o qual pudesse conectar, havia aprendido a funcionar sem isso”.

Investigar a vivência do sexual no autismo, impele tocar a questão do corpo e da pulsão. Neste ponto, Ruiz enfatiza que

não há um corpo simbolizado, que tenha sido atravessado pelo significante e pela imagem. Estamos frente aos fenômenos do corpo real, mas que não está radicalmente separado dos efeitos do significante; se encontra sob os efeitos do significante, fundamentalmente na sonoridade fora do sentido que marca o corpo ⁸.

Esta afirmação é ratificada por autistas como D. Williams, que testemunham que algum arranjo foi possível, desde que feito por outras vias que não a do sentido, pois mesmo sem entender o sentido, alguma submissão ao discurso do Outro é realizada, isto é, algum tipo de vínculo com o discurso sexual é estabelecido, mas não incorporado. Um relato de Williams faz pensar que o falasser autista vive a experiência de uma pulsão fora do contexto do laço social.

Aprendi que os amigos reais não se tornavam amigos só porque você havia perguntado se eles eram e eles disseram que sim, ou porque quisessem fazer sexo com você, que significava que eles gostavam de você. Perguntei que outros sinais existiam para que eu não tivesse que verificar, o tempo todo, se alguém era meu amigo, e em algum lugar lá eu aprendi sobre contexto. Mas, como eu entendi o que eu não tinha enxergado, eu tinha que enfrentar o grau em que eu tinha sido vítima dessa cegueira contextual ⁹.

Sigo investigando.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel A BATALHO DO AUTISMO. Renata Coelho Tavares Imperial (Mais-Um), Cláudia Márcia Santos Barros, Juliana de Azevedo Assunção, Mariana Sloboda Jorge, Viviane de Avellar Tostes.
- 2 FREUD, SIGMUND. As pulsões e seus destinos. In: _____. As pulsões e seus destinos. 1. Ed. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 (Obras incompletas de Sigmund Freud; 2). p.21.
- 3 Ibid, p.23.
- 4 Ibid, p.23.
- 5 MALEVAL, Jean-Claude. Por que a hipótese de uma estrutura autística? Opção lacaniana on-line nova série. Ano 6. Número 18. Novembro 2015. p.16. http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_18/Por_que_a_hipoteses_de_uma_estrutura_autistica.pdf
- 6 LACAN, Jacques. O Seminário, livro 20: mais, ainda. 2 ed. Revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- 7 ALVARENGA, Elisa. Argumento do quarto eixo temático das III Jornadas da Seção Leste-Oeste, dedicado as fórmulas da sexualização, publicado no Boletim Arranjos #1.
- 8 RUIZ, Ivan. Sexualidade nos autistas. Seminário proferido em 24/08/2022 na NEL Bogotá. Inédito.
- 9 WILLIAMS, DONNA. Alguém em algum lugar: Rompendo as amarras do mundo do autismo. Tradução livre feita do original em inglês Somebody somewhere: Breaking free from the world of autism. Doubleday, 1994.

A INCONSISTÊNCIA DO OUTRO¹

Marcelo Gava

marcelo.gava@outlook.com

Na busca de subsídios teóricos e considerando o tema proposto, que tem como principal referência o seminário 16, neste texto, tenho em vista apresentar algumas considerações sobre “a inconsistência do Outro”. Decidi me debruçar sobre esse tema, o qual a abrangência me parece se estender aos seminários posteriores, uma vez que no início desse seminário, Lacan profere que estava interessado em um discurso sem fala, um discurso que poderia ser sustentado pela escrita lógica.

Nesse mesmo seminário é possível ler o esforço de Lacan para dar um passo decisivo em suas teorizações sobre o Outro, em sua articulação com o real e o objeto a . No início de seu ensino, extraímos que a condição do inconsciente é a linguagem, localizando sua dimensão simbólica. Assim, o inconsciente estruturado como uma linguagem dá lugar ao inconsciente real, no ensino

de Lacan. Pode-se pensar, que nas primeiras formulações lacanianas o Outro foi concebido como barrado e agora passa a ser concebido como estruturalmente inconsistente.

Inicialmente, tentei – mas não consegui – me ater ao seminário 16. Foi necessário que percorresse um pouco o seminário “As formações do inconsciente”, nesse seminário, Lacan profere que “a relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único, e sim na medida em que o Outro é fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética”².

Assim, desse primeiro momento do seu ensino, podemos compreender que aprendemos a falar com nossas figuras de referência e já estamos inseridos num sistema de signos (língua) que nos representam e nos alienam nesse “discurso do Outro”. Podemos pensar, portanto, que o sujeito é o produto das relações entre significantes, esse algo que, mesmo evanescente, ancora quem somos.

No seminário 16, ao teorizar sobre a inconsistência do Outro, Lacan recorreu ao conceito de mais-valia, para situar a função do objeto a como mais-de-gozar. Quando Lacan diz que “em parte alguma do Outro é possível assegurar a consistência daquilo que é chamado de verdade, onde está ela, a verdade, a não ser naquilo que corresponde a função a ?”³, penso que ele indica que quando se trata da verdade, o outro simbólico está ausente, porque a verdade é externa ao discurso, de modo a apontar que a estrutura é real. Lacan demonstra que a extração do mais-valor tem mesma estrutura do chiste, indicando a relação do riso com a elisão, constitutiva do objeto a . O que se destaca, portanto, é que se o Outro não é portador da verdade do sujeito, essa verdade só pode ser vislumbrada na produção desse objeto a , objeto causa de desejo e objeto mais-de-gozar.

Na prática clínica é justamente a suposição de que é possível encontrar no Outro a resposta para as querelas que o outro produz (já que o sujeito não chega retificado) que sustenta as entrevistas preliminares, possibilitando relançar o sujeito ao discurso analítico. No entanto, quando há uma recusa do sujeito a produzir a abertura do inconsciente obturado por um Outro, estaríamos falan-

do da mesma coisa? Diante dessa falta de garantias no campo do Outro e da impossibilidade do sujeito ser totalmente representado, me parece que um dos desafios da nossa época consiste em lidar com sujeitos que tentam tamponar a inconsistência do Outro, submergindo às demandas do mercado. No seminário 16, Lacan demonstra, no entanto, que não é possível preencher o campo do gozo, que é insaciável.

Se o analista precisar estar à altura da subjetividade da sua época, talvez nossa época seja a do mais-de-gozar. Questão que segue inacabada, que aqui compartilho com quem mais se interessar a pensá-la.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel DE LEITURA DO SEMINÁRIO 16 – JACQUES LACAN. Cartelizantes: Bartyra Ribeiro de Castro (Mais-Um), Fabrício Martins Pinto, Gabriela Morais Machado, Marcelo Anderson Gava Correia, Vitória Roncon Cova.
- 2 LACAN, Jacques. (1957-1958). O seminário, livro 05: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.145.
- 3 LACAN, Jacques. (1968-1969). O seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.24.

UM FURO NO MURO DE LINGUAGEM – UMA PERSPECTIVA DE ENTRADA EM ANÁLISE PELO TROUMATISME¹

Fernando Figueiredo dos Santos e Reis

reisffs@gmail.com

A entrada em análise foi tema do XI Enapol, evento que desencadeou o cartel em que este trabalho está sendo desenvolvido. É, portanto, um recorte de uma investigação em desenvolvimento.

O que faz com que alguém se submeta à análise é, antes de tudo, a existência de um sofrimento. Os motivos desencadeantes desse sofrimento geralmente estão ligados a contingências do cotidiano, um abalo na rotina que afeta a realidade (psíquica) do sujeito. Segundo Miller², “em todos os casos onde há entrada, há um encontro com o real (...) a entrada em análise invariavelmente indica um golpe desferido na segurança que o sujeito encontra no fantasma, que constitui a matriz de toda sig-

nificação à qual ele tem acesso normal”. O sofrimento decorre desse trauma, real que faz furo no simbólico.

De acordo com Philippe la Sagna³,

O trauma, qualquer que seja, está ligado essencialmente a um acontecimento intercorrente que surge do exterior e que não está centrado somente na realidade, na intimidade ou na qualidade do acontecimento vivido, mas também na disposição pessoal do sujeito e sua realidade mental específica.

Percebe-se assim, que o fator traumático diz respeito tanto ao elemento contingencial quanto aos recursos simbólicos do sujeito que se viu ameaçado e insuficiente.

Mas, uma segunda condição para que alguém entre em análise é supor que naquela experiência há um saber que possa o ajudar. É a suposição do saber no analista que possibilita o surgimento da transferência e o consentimento à sua intervenção.

O sujeito não sustenta o encontro com o real sem tentar o encobrir com algum saber delirante que ofereça satisfação pulsional. Ele vê seus recursos simbólicos ameaçados e busca uma cura, mesmo antes do encontro com o Sujeito Suporte Saber – SSS. Pesquisando em passes de fim de análise⁴, verificamos, como indica Laurent em “A lógica das entradas em análise”⁵, que há sempre no fim algo que já se anunciava na entrada. Contudo, como o fantasma fundamental só emerge de uma construção em análise, no princípio, o que se tem é a produção do sintoma. Esse, portanto, é o que deve ser lido, e precisa ser compreendido como o tratamento que cada sujeito confere ao trauma, articulado a um saber.

Miller⁶ aponta que todas as análises começam da mesma maneira: pela transferência. E mesmo que a prática da Psicanálise nos tempos de hoje não seja a mesma prática do tempo de Freud, ou quiçá nem mesmo a do tempo de Lacan, ainda é marcada pela clínica sob transferência⁷.

É só sob transferência que podemos acolher o sujeito e os sintomas que

nos são apresentados. A fala que o analisando nos apresenta sobre seus sintomas nunca é completamente honesta ou mentirosa. E para marcar a entrada em análise, sob a condição da transferência, é preciso intervir no desencontro entre significante e significação. É preciso ir além do muro de linguagem⁸, construído como primeira, e ineficaz, tentativa de cura.

Seguindo a ideia do muro de linguagem, essa intervenção deve ter a estrutura de um furo diante do conteúdo apresentado pelo analisando, com ares de certeza sobre si e sobre o Outro. Apenas um furo, pois nunca sabemos se o tal muro sustenta toda a estrutura. Se derrubado, podemos perder tudo. Contudo, esse furo no muro de linguagem tem a mesma dinâmica do trauma. Um furo feito no simbólico e que aponta para o real do gozo. Seria, então, uma modalidade de entrada em análise, a intervenção traumática do analista?

Lacan, no Seminário 21⁹ traz a ideia do *troumatisme* na constituição do sujeito, separado de seu primeiro objeto, como um modo de lidar com o real que faz trauma no corpo ao ser mordido pela linguagem. O saber se desenvolve daí como modo de lidar com o furo estrutural da castração. “Todos inventamos um truque para preencher o buraco do Real. Lá onde não há relação sexual, isso produz um buraco que traumatiza (*troumatisme*). Nós inventamos! Nós inventamos o que podemos, é claro! ”.

Na origem, pois, há um furo remendado de saber. Esse remendo, eventualmente se esgarça, revelando o novo/velho furo que leva o sujeito para análise. O que fazer com esse furo? É por aí que começa o trabalho analítico?

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel SOBRE A ENTRADA EM ANÁLISE. Cartelizantes: BARTYRA DE CASTRO (Mais-Um) – Membro EBP/AMP, Fernando Figueiredo dos Santos e Reis, Geanine Lucas Vieira, Juliana Aguiar de Melo Prado, Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira.
- 2 MILLER, Jacques-Alain. C.S.T. In: _____. Clínica Lacaniana: Casos Clínicos do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989. p.10.
- 3 LA SAGNA, Philippe. Os mal-entendidos do trauma. In: Opção Lacaniana Online, ano 6, n.16. 2015. p.03.
- 4 MILLER, Jacques-Alain [et al]. Aposta no passe-seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contracapa, 2018.

- 5 LAURENT, Éric. A lógica das entradas em análise. In: Revista Freudiana, nº15. Catalunya: Escuela Europea de Psicoanálisis, 1995. p. 4-45
- 6 MILLER, Jacques-Alain. Texto de orientação do XI Enapol, Come iniziano le analisi.
- 7 MILLER, Jacques-Alain. C.S.T. In: _____. Clínica Lacaniana: Casos Clínicos do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989. p.10.
- 8 LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- 9 LACAN, Jacques. Lição de 19 fev 1974. In: _____. Seminário 21. Porto Alegre: Ed Fi, 2018, p.144.

O FALASSER AUTISTA E O UNIVERSAL DOS ESPECTROS¹

Fábio Paes Barreto

fpbarreto@uol.com.br

Nossa incursão pelo autismo não é sem a experiência dos cartelizantes, que são convocados a comparecer às produções desde o lugar de suas enunciações e casuísticas clínicas acerca do assunto. Desde Freud, a construção do saber deve advir da clínica e no seio da própria experiência psicanalítica. Em minha função como mais-um do Cartel, busco orientar a transferência de trabalho em direção a autores do Campo Freudiano que se debruçam sobre a problemática do autismo (Éric Laurent, Jean-Claude Maleval, Rosine & Robert Lefort, Sílvia Elena Tendlarz, Jacques-Alain Miller, dentre outros). Elegi como tema de pesquisa “Os circuitos do objeto no autismo”. Tal eleição adveio de uma demanda contingente para o atendimento de um menino em tenra idade, que ainda não falava. Antes de apresentar o caso à guisa de uma breve vinheta clínica, gostaria de

tecer algumas considerações acerca da relativamente recente diretriz diagnóstica do “Transtorno do Espectro Autístico” ou “TEA”, desenvolvida notadamente a partir da quinta edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-V). A noção de espectro é tributária da nosografia médica, corolária do “diagnóstico sindrômico” (a síndrome considerada como um conjunto de sinais e sintomas com uma variedade de possibilidades etiológicas, conforme o discurso da ciência) e da ideia de um *continuum*. O sintagma “espectro” tem sido extensamente utilizado no campo da psiquiatria contemporânea, nas últimas três décadas: transtornos do espectro ansioso; transtornos do espectro dos impulsos; transtornos do espectro do humor; e, agora, transtorno do espectro autístico. Sem nos delongarmos nas imprecisões e controvérsias nosográficas, poderíamos considerar preliminarmente que a psicanálise de orientação lacaniana pode ser solidária à noção de TEA, mas sempre referenciada a partir de seus próprios operadores lógicos, que são de natureza bastante distinta da fenomenologia descritiva da psiquiatria.

Muito antes do austríaco Leo Kanner ter descrito o quadro que havia chamado de Autismo Infantil Precoce, em 1945, Bleuler já havia apresentado o termo “autismo” como um dos quatro sintomas cardinais para o diagnóstico daquilo que, a partir de então passou a ser designado como Esquizofrenia. O autismo como sintoma estaria referido ao ensimesmamento ou ao retraimento em relação ao mundo exterior por parte do sujeito. Os outros três sintomas seriam: os afetos inapropriados, a ambivalência e as associações frouxas de ideias – são os célebres quatro “as” de Bleuler.

Seja sintoma, síndrome ou espectro, busco direcionar a discussão no cartel na perspectiva, dentre outras, da dialética, proposta por Miller e Éric Laurent, entre o universal, o particular e o singular². No universal do TEA, buscamos extrair o particular da estrutura autista para culminar no singular da clínica do Um, do gozo do Um. No tratamento possível para o sujeito³, do universal do TEA rumamos para o singular do gozo do Um.

A queixa de que P. não falava estava investida que um grande sofrimento do lado dos pais. O analista procura se descolar dela, para atentar se àquilo que o menino elegia como um objeto privilegiado: blocos de construtor em madeira.

O que se sucede a partir daí é o desenvolvimento da análise como laboratório de bricolagem no circuito do objeto autista. Ele pega, põe na boca, morde, joga, atira, lambe. O brincar nada tem do jogo lúdico. Há uma movimentação do objeto que evolui para uma certa organização, faz um deslocamento de subir e abaixar utilizando um “elevador” improvisado. Depois explora os compartimentos de uma fazenda de brinquedos, onde há botões que emitem sons de animais. Ele repetidamente coloca e retira os objetos do silo. Vai interagindo cada vez mais, através do olhar, do aceno, começa a vocalizar alguns fonemas: “Bye” para dar tchau; “maã”, para dirigir-se à mãe. Também começou a identificar cores com monossílabos e tem um gozo particular na contagem numérica: faço repetidamente contagens verbais de 1 a 10 com ele; quando chego a 9, ele próprio responde com júbilo um “rudimento” de “dez”: – Deí!

Conforme considera, Maleval, não basta a aprendizagem⁴. O sujeito, então, vai desenvolver, cada vez mais, uma aprendizagem-invenção⁵.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel TEORIA E CLÍNICA DO AUTISMO. Cartelizantes: Fabio Paes Barreto (Mais-Um), Daniele De Oliveira Rodrigues, Matheus Silva Casquer, Regina CheliPrati, Silvana Raquel Amado Buainain.
- 2 MILLER, J.-A. El lugar y el lazo: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- 3 MALEVAL, J.-C. L'autiste et sa voix. Paris: Seuil, 2009, p.251-256.
- 4 Ibid, p. 307-310
- 5 LAURENT, É. A batalha do autismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.120-125

GÊNERO, ESTRUTURA E MODOS DE GOZO¹

Ana Clara Zaiden de Carvalho Modesto

anacmodesto26@gmail.com

○ interesse pelo tema vem da necessidade de articulação teórica da Psicanálise e dos estudos de gênero, para ampliar o escopo de interpretação e intervenção da clínica, que como compromisso ético e político requer que acompanhem as mudanças nos discursos, os quais atuam como modelo para a existência do sujeito e atravessam a figura do analista, que não é neutra.

O uso do conceito gênero como categoria analítica foi criado pelo Psicólogo John Money na década de 50. Antes disso, em 1792, Mary Wollstonecraft já escrevia que “as diferenças intelectuais e de papel social entre homens e mulheres resultava da educação diferenciada”, apontando um argumento diferente sobre a desigualdade de gênero, não como resultado de diferenças anatômicas e biológicas ou dos desígnios de Deus. Este conceito carrega em sua história um caráter político, de reivindicações

de direitos básicos e constitucionais, e de linguagem, como significante e lugar social, que orienta o sujeito a lidar com suas experiências de corpo e suas relações com o outro.²

A historiadora Mary Del Priori em seu livro “A História do Amor no Brasil”³ traz a perspectiva de como as relações afetivas assumem posições diferentes de acordo com o gênero, a raça e a classe social no Brasil. A ideia de amor foi construída desde a colonização e ganhou contornos diversos a partir do discurso da religião e da cultura. Lacan publica o Seminário 20⁴, contemporâneo a terceira onda do feminismo, trazendo outra proposta quanto ao manejo clínico da sua primeira clínica e dando maior abrangência a experiência de corpo como algo que transcende a estrutura da linguagem. Nieves Soria em seu livro “La sexualización en Cuestión” aponta que:

Se pierde la referencia a la clásica diferencia sexual [...] Sujetos que predicen un rechazo de toda nominación respecto de su posición sexuada, sujetos que en sus dichos –luego habrá que verificar cómo se juega esto en el plano del decir– afirman que les gustan “las personas en tanto tales”, considerando la posición sexuada de dichas personas como un accidente totalmente secundario respecto del gusto o el interés. Secundario o, directamente, intrascendente: no tendría ninguna incidencia en el gusto, en el interés, en la elección.⁵

Nieves traz uma discussão sobre patriarcado, heteronormatividade e falocentrismo nos primeiros 3 capítulos do seu livro para se aprofundar nas críticas direcionadas a Psicanálise e trazer uma reflexão sobre a posição sexual na modernidade. Estas três frentes de conhecimento nos levam a refletir sobre como o conceito de gênero se insere na estrutura social e na estrutura psíquica.

A base da estrutura social é colonial, racista e patriarcal, se baseia num discurso de ódio contra um oposto que supostamente ameaçaria a soberania do homem dito comum, da ordem, do poder ou da posição fálica representados neste homem. Valeska Zanello em seu livro “Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação”⁶ nos mostra como as relações de gênero nos subjetivam, moldando nossa relação com o mundo. Os processos de urba-

nização e globalização tentam universalizar modelos de identidade através da indústria cultural, nos filmes, séries, músicas, propagandas e demais produtos de consumo.

Segundo Lattanzio citando Laplace:

A identidade, afinal, não é fruto de uma escolha consciente ou de uma opção, mas do confronto com o outro e da simbolização possível desse confronto [...] Para Laplanche, o corpo-estranho-interno que nos constitui, aponta para essa irreduzível primazia da alteridade no ser humano [...]. Há identificação porque não há identidade que se sustente.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel LEITURA DO SEMINÁRIO XX DE LACAN – Sexuação. Cartelizantes: Anna Rogéria Nascimento de Oliveira (Mais-Um), Ana Clara Zaiden de Carvalho Modesto, Carolina Cabral Quixabeira, Jaqueline Franco e Tatianne Mil.
- 2 LATTANZIO, Felipe. O lugar do gênero na psicanálise: Da metapsicologia às novas formas de subjetivação. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas. Belo Horizonte. 2011.
- 3 DEL PRIORI, Mary. A História do Amor no Brasil. Ed. 2. São Paulo: Contexto. 2006.
- 4 LACAN, Jacques. O Seminário: Livro 20: Mais, Ainda. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de M.D. Magno. Ed. 2. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985.
- 5 SORIA, María de las Nieves. La Sexución em Cuestón. Ed. 1. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: María de las Nieves Soria. 2021.
- 6 ZANELLO, Valeska. Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação. Ed. 1. Curitiba - PR: Appris, 2018.

AS FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO NA CLÍNICA COM CRIANÇA E ADOLESCENTE¹

Luana Santos Silva

luanasanster@gmail.com

Tendo uma clínica voltada para o atendimento de crianças e adolescentes, ao ser convidada para participar de um cartel a respeito das fórmulas da sexuação a partir da leitura do Seminário 20: Mais, ainda², coloquei-me a pensar sobre a clínica com crianças e adolescentes baseando-se nessas proposições e de que maneira escutar casos como o de V., 12 anos, biologicamente do sexo feminino, que se coloca como menino, decidida a se submeter a tratamento hormonal, trazida pela mãe, que questionava se esse seria realmente um desejo decidido, uma vez que ela ainda era “muito nova”.

Com Freud, já se sabe que há consequências psíquicas da diferença anatômica. Com o Complexo de Édipo e Complexo de castração, ele coloca que ser menino

ou menina é da ordem do psiquismo e não da biologia. Para ele, a diferença sexual é um processo articulado com o desenvolvimento da pulsão sexual, pois os dois sexos são submetidos a lógica fálica.³

Para Lacan, antes da introdução do termo sexuação, considera que há uma “assunção” no que diz respeito a implicação subjetiva do sexo para o sujeito. Nesse primeiro tempo de seu ensino, a construção da identidade sexual passa pela via do Outro, pelo discurso do Outro.⁴

No que concerne a seu último ensino, Lacan passa do sujeito ao corpo falante. Assim, a diferença não mais se organiza pela ordem binária. Trata-se de um corpo habitado de gozo. Estabelece a tábua da sexuação, que trata de uma divisão entre os seres falantes em relação a dois modos de gozo e não em relação ao sexo anatômico, visto que os seres falantes se diferenciam como homem ou mulher por suas modalidades de gozo, independentes da diferença anatômica. Como afirma Lacan: “Quem quer que seja falante se inscreve de um lado de um lado ou de outro” [da fórmula].⁵

Pensar a sexuação, na clínica com criança e adolescente é saber, como diz Lagamma⁶ que a sexuação se constitui em tempos diferentes. No primeiro tempo, a criança nasce com uma anatomia determinada e os pais constatarem a diferença anatômica, é o que Lacan chama “a pequena diferença”.⁷ As crianças não se diferenciam sozinhas são diferenciadas em um começo pelo Outro. O segundo tempo, da eleição do sexo por parte do sujeito concerne ao modo de gozo em relação ao falo como significante da diferença. Ele aceita ou não se inscrever na função fálica, aceitação que pode não coincidir com os valores vindos do Outro. Consentir em inscrever-se na função fálica, implica em aceitar a castração. Se não aceita ordenar sua sexuação sob a lógica fálica tem-se uma invenção singular com relação à sua sexuação.

Temos aqui o que foi denominado por Lacan como função fálica, ou seja, aquilo que vincula a relação do sujeito ao gozo. Algo dimensionado a uma não redução às oposições significantes e tampouco à lógica qualitativa, porém demandando uma estruturação singular do gozo e suas modalidades na relação com o sexo que é Outro.

Assumir uma posição sexuada implica uma operação subjetiva que involucra principalmente o corpo vivente, quer dizer, seus modos de gozar. Não se trata somente de identificações – com seus efeitos de significação no ser – e sim de uma operação de existência,⁸ que me orientou na escuta de V.

Enfim, pensar o caso de V. a partir das fórmulas, sabendo que não se nasce homem ou mulher, não é tomar a ‘decisão dela como certa’, é sim orientar-se pela clínica do Há Um, do gozo de cada um, porque, como nos alerta Ansermet⁹: “Às vezes, é possível perguntar se essa certeza não acaba funcionando como um tampão contra a angústia; seu estatuto, em todo caso, segue sendo um enigma.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel AS FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO (outubro 2020 a outubro de 2022), inscrito na EBP-BA. Cartelizantes: Marcelo Braz de Almeida (Mais-Um), Danielle Omine, Gleice Taciana Barbosa, Luana Santos Silva e Luciene Ferreira.
- 2 LACAN, Jacques. Seminário 20 (1972,1973) Rio de Janeiro, Jorge Zahar, (1985).
- 3 FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: _____. Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- 4 LACAN, Jacques. O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p. 258.
- 5 LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 85.
- 6 LAGAMMA, Verónica. Disponível em: <https://www.revistarayuela.com/pt/002/template.php?file=Notas/La-sexuacion-elecciones-del-modo-de-gozar.html>. Acesso em: 28 out. 2023.
- 7 LACAN, Jacques. Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- 8 LIJTINSTENS, Claudia. A criança e o caminho da sexualização: como se inscreve a Outra diferença? In: Ana Martha Wilson Maia (org.). A Mulher: nascer de um mal-entendido. Goiânia: Kelps, 2023.
- 9 ANSERMET, François. Eleger o próprio sexo: Usos contemporâneos da diferença sexual. Revista Virtuália, 29. 2014.

TRANSEXUALIDADES E A RECUSA DO FEMININO¹

Anna Rogéria Nascimento de Oliveira

annavertigo001@gmail.com

○ trabalho de investigação deste Cartel está inserido no meu trabalho de atendimento à população Trans, tanto no Programa de atendimento Trans do Hospital das Clínicas desde 2020, como demandas fora deste programa. Observo que alguns traços se repetem nestes casos sem que isso faça um conjunto. A singularidade do caso é a marca da psicanálise de orientação lacaniana. “Trata-se de acolher a fala de cada sujeito, para que uma palavra inédita possa surgir” (Briole, intervenção na Jornada da SLO 2023). Em muitos casos a questão do feminino, tal como formulado por Lacan, e a recusa deste apareciam como temas de minhas indagações recorrentes por exemplo nas investigações do Observatório de Gênero, Biopolítica e Transexualidade de FAPOL que participo desde 2018. Para pensar um pouco mais sobre este tema, procurei um cartel¹, pois uma questão persistia: qual é o estatuto de recusa do feminino em jogo nesses casos?

Sabemos que a psicanálise não tem “clínica de especialidades”, como Psicanálise de Trans, Psicanálise de Mulheres, etc. O trabalho orientado pela psicanálise lacaniana coloca em relevo a singularidade radical, sem desconsiderar um coletivo por fora do entusiasmo da militância. Miller nos ensina que a posição do analista não é de entusiasmo: “[...] eu sustento, a partir do que Freud e Lacan exemplificam, que manter a relação com o seu *eu não quero saber nada disso* é verdadeiramente antinômico a cultura do entusiasmo.”² O que convém assim a um analista é uma posição de desapego e isso inclusive desapego das causas de coletivos sociais. Mas também é necessário acrescentar que a psicanálise, por ser inserida na realidade, não desconhece e não renega a importância dos direitos adquiridos pelas minorias.

Em um primeiro lugar, gostaria de esclarecer o que do feminino está em jogo na recusa. Lacan escreve já em 1958, um matema que acompanhará todo a sua compreensão do feminino, incluso quando chega as fórmulas da sexualização nos anos 70. Trata-se do significante da falta no Outro: S (de A barrado). O feminino é analisado por Lacan a partir da tese de um ser que não se submete inteiramente ao Édipo e à lei da castração. Resta um inominável, um real que goza de um gozo diferente, *queer*, suplementar ao falo. Segundo Grillo et al.³ o feminino, longe de ser equacionado como um padrão de gênero ou como uma dicotomia sexual é a própria estrutura vazia, sobre a qual a existência vai depositar sua multiplicidade de sentidos para escapar do horror ao nada que essa estrutura gera. A mulher, não inteiramente no simbólico, teria uma relação privilegiada com o real. Porém, esse gozo ilimitado e sem representação causa horror a homens e mulheres. A isso Freud⁴ chama de repúdio à experiência da feminilidade pela ausência do falo. Com Freud, o feminino parece dizer de uma condição, e não de um gênero. Tal condição é comum a homens e mulheres e revela um mais além, ex nihilo, vazio. A recusa como função do gozo é transestrutural. A leitura da recusa como defesa do real, do sexual, do gozo invasivo, demonstra sua via anti-metafórica. A recusa na vertente de defesa do real pode se evidenciar nos casos em que há uma recusa do corpo: no rechaço ao corpo anatômico, o que se recusa é o corpo sexuado e o gozo que o toma. Para alguns adolescentes trans, a solicitação pelo bloqueio hormonal da puberdade coloca em ato um desejo de apagamento dos caracteres sexuais, como via para conter a angústia e o horror frente à transformação puberal, experienciada como invasão.

Grillo et al⁵ trazem o caso de Tobias, um jovem Trans de 19 anos, atendido pelo Janela da Escuta, seus breves encontros com as mulheres são marcados pela angústia. Nunca permitiu que alguém tocasse ou visse sua genitália: “ficaria na posição de mulher, e não é isso”. Ele recusa as referências e os vestígios do feminino. E restringe sua escolha amorosa e sexual às “mulheres cis, verdadeiras”. Tobias recusa o feminino, a contingência, o amor. A aposta do analista na clínica com sujeitos trans, com os corpos falantes, é, portanto, a aposta em uma clínica da singularidade do sintoma. Se a recusa ao feminino se faz pela via da abolição da feminilidade, a nomeação trans pode possibilitar uma reinvenção da origem, do corpo e de um nome. Invenções inéditas, ainda que precárias e fugazes, podem ser forjadas e acolhidas no dispositivo analítico, sob transferência.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel A QUESTÃO DA SEXUAÇÃO NO MUNDO. Cartelizantes: Anna Rogéria Nascimento de Oliveira (Mais-Um), Ana Clara Zaiden de Carvalho Modesto, Caroline Cabral Quixabeira, Jaqueline Souza Franco, Tatianne Mil Homens Felipe.
- 2 Miller, Jacques-Alain. (2008-2009) *Sutilezas analíticas*, Buenos Aires, Paidós, 2011. p.53
- 3 Grillo et al, (2022) Da recusa do feminino a um encontro possível, *Revista Cythère online* Revista da Rede Universitária Americana (RUA), 2022.
- 4 Freud, S. (1980). Análise terminável e interminável. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- 5 Grillo et al, (2022) Da recusa do feminino a um encontro possível, *Revista Cythère online* Revista da Rede Universitária Americana (RUA), 2022.

DESEJO DO ANALISTA NO HORIZONTE¹

Robson Campos

rcampos.gv@hotmail.com

“Desejo do analista” é uma expressão que apareceu no ensino de Lacan no final dos anos 1950, mais especificamente a partir dos seminários “O desejo e sua interpretação” e “A ética da psicanálise”, intercalados por um relatório denominado “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”.

Pouco mais tarde, no seminário sobre “A transferência”, na lição intitulado “Crítica da contra-transferência”, Lacan menciona que “o analista...é possuído por um desejo mais forte que os desejos que poderiam estar em causa, a saber, de chegar às vias de fato com seu paciente, de tomá-lo nos braços ou atirá-lo pela janela”.²

Em meados da década de 1960, após as divergências que levaram à sua exclusão da IPA, estando às voltas com a Escola que havia fundado e com a formação a ser nela proposta, as referências de Lacan ao desejo do analista proliferaram. Cito, em bloco, cinco que estão entre as mais conhecidas:

[...]é o desejo do analista que, em última instância, opera na Psicanálise.³

O desejo do analista, em cada caso, não pode de modo algum ser deixado fora de nossa questão, pela razão de que o problema da formação do analista o coloca. E a análise didática não pode servir para outra coisa senão para levá-lo a esse ponto que designo em minha álgebra como o desejo do analista.⁴

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta[...]⁵

A quem tem de responder o desejo do psicanalista? A uma necessidade que só podemos teorizar como tendo que produzir o desejo do sujeito como desejo do Outro, ou seja, fazer-se causa desse desejo.⁶

[...]o desejo do psicanalista, que nada tem a ver com o desejo de ser psicanalista.⁷

Trata-se, assim, de um operador clínico fundamental, lapidado a partir da análise pessoal do analista e que não se confunde com o ser do praticante, que favorecerá a sustentação de sua posição na condução das experiências de seus analisantes, sem submetê-los às suas próprias convicções e caprichos.

Estes textos e citações compõem, dentre outros, um itinerário de investigação para os integrantes deste cartel que, embora recém-constituído, já proporcionou uma pequena surpresa: habituado a associar a expressão “desejo do analista” à figura de Lacan, pude encontrar, na tradução do alemão para o espanhol das obras de Freud por Luiz López-Ballesteros y de Torres um emprego do termo “desejo” relacionado ao analista que não figura explicitamente na versão em português da Edição Standard. O trecho, extraído de uma conferência sobre “A transferência” realizada em 1917, está publicado em português com estas palavras: “[...]tudo o que procuramos levar a efeito é, de preferência, que o paciente venha a tomar as decisões por si mesmo”⁸. Já em espanhol: “[...]nuestro solo deseo es el de ver al enfermo adoptar por si mismo sus decisiones.”⁹

Freud!

Lacaniano!?

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel O DESEJO DO ANALISTA. Cartelizantes: Ordália Alves Junqueira (Mais-um), Fabiana Teixeira de Oliveira, Gean Carlos Cândido, Juliana Passamani Romano, Maria de Nazaré Mangabeira, Robson Campos.
- 2 LACAN, Jacques. O Seminário – livro 8: A transferência [1960-1961]. Rio de Janeiro: JZE, 1992, p. 187.
- ³ LACAN, Jacques. Do “*Trieb*” de Freud e do desejo do psicanalista [1964]. In: Escritos. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 868.
- 4 LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. 2 ed. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 17.
- 5 LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. 2 ed. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 17.p. 260.
- 6 LACAN, Jacques. Discurso na EFP [1967]. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: JZE, 2003, p. 271
- 7Ibid, p. 276
- 8 FREUD, Sigmund. Conferência XXVII – A transferência. Conferências introdutórias de Psicanálise [1916-1917]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 506.
- 9 FREUD, Sigmund. Lección XXVII – La transferencia. Lecciones introductorias al psicoanálisis [1916-1917]. In: Obras Completas. 4ed. Tomo II. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p. 2992.

O DISPOSITIVO DE CARTEL E SEUS EFEITOS DE FORMAÇÃO¹

Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira

rafavoliv@gmail.com

No artigo “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” Freud² compara as fases de uma viagem com o processo analítico. Diz que uma primeira fase compreende todos os preparativos necessários para se realizar uma viagem, como comprar passagem, planejar o roteiro. Esta etapa equivaleria ao momento de uma análise no qual se está colhendo os primeiros dados clínicos do paciente e o familiarizando à técnica analítica. Já a segunda fase, que seria o trajeto real da viagem, corresponde ao momento em que o paciente se apropria do material de sua fala e o elabora. Para Freud seria apenas durante esse trabalho que o doente experimentaria, pela superação das resistências, “a transformação interna que se busca”³. Esta construção freudiana me pareceu apropriada para descrever os efeitos de uma “transformação interna” propiciada pelo

dispositivo de cartel. Neste caso, “o preparativo da viagem” estabeleceu as condições internas necessárias para o início de um trabalho.

O anseio em escrever sobre a homossexualidade feminina a partir da psicanálise me acompanha tem tempos. Não tendo acontecido no mestrado, se figurou como possível tema de um doutorado que não “decolou”. Formulou-se como questão “o que é possível escrever sobre a homossexualidade feminina a partir da noção de gozo”. A pergunta encontrou lugar em um cartel.

Se se pergunta sobre o possível é porque o debate com o impossível sobrepujava todos os ângulos pelos quais abordar a questão. “Por onde tomar esse tema? ”, “É mesmo relevante?”. Uma divisão subjetiva entre a relevância e a irrelevância da questão, e a possibilidade de ser tomada numa discussão “séria” de psicanálise foi a gangorra na qual uma posição de demanda em relação ao Outro se dava.

O encontro com uma citação causou mal-estar. “Ademais, cabe destacar que, do ponto de vista psicanalítico, não existe homossexualismo feminino, já que é heterossexual todo aquele que ama as mulheres, qualquer que seja o próprio sexo”⁴. O “não existe” recortado da citação pesou um dos lados da gangorra, pois se leu que a questão de fato não era importante ou era de alguma forma impossível. O efeito dessa leitura foi a de uma entrada no cartel a partir de uma posição demandante.

Uma pontuação da mais-um fez marca ao destacar e dar voz ao fato de que se perguntava sobre o que era possível de escrever, dando dignidade a questão. A análise pessoal, junto ao trabalho com os colegas de cartel e a posição da mais-um funcionando como “menos-um”⁵, dócil ao furo no saber, afetaram a posição de demanda a partir da qual se elaborava minha questão ao cartel. Como consequência do desinflar demandante, me vi, por um momento, sem interesse algum em abordar a questão.

Com o prosseguimento dos encontros e discussões em cartel, comecei a me questionar sobre como abordar essa questão por uma via orientada pelo desejo e não pela demanda. Novamente, como abordar esse tema? A questão segue aberta, porém a partir de uma posição diferente, com uma orientação de

trabalho, e sem muita angústia e inibição. O desejo, como me disse um colega cartelizante numa conversa informal, por consentir com a castração, é o que permite que nos coloquemos num caminho de construção.

Ao dizer sobre isso no cartel, a mais-um fez um convite: escrever para as Jornadas de Cartéis sobre essa virada propiciada pelos dispositivos analítico e de cartel. Pela primeira vez, senti que a apresentação de um trabalho no âmbito da escola se deslocava do campo do impossível para o possível.

Por onde então começar? Pareceu-me interessante começar pelo emblemático caso de Freud sobre a Jovem Homossexual. Já no início do texto Freud coloca a questão em termos que me são caros: “A homossexualidade feminina, sem dúvida tão frequente quanto a masculina, embora menos ruidosa, tem sido não apenas ignorada pelas leis, mas também negligenciada pela pesquisa psicanalítica”⁶. Encontro então em Freud o ponto de ancoragem que buscava para iniciar essa investigação a ser compartilhada com os colegas e na Escola em momentos futuros.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel GOZO E IDENTIDADE. Cartelizantes: Jaqueline Moreira Coelho (Mais-Um), Henrique Lopes, Hygor Porto Dutra, Mario Neto, Rafaela Vieira de Oliveira Quixabeira.
- 2 FREUD, Sigmund. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, pp.114-149.
- 3 Ibid, p.121.
- 4 CAMPOS, Sérgio de. As psicoses extraordinárias: Capítulo II: Lacan e as psicoses. In: *Investigações lacanianas sobre as psicoses: Volume 1*. Belo Horizonte, Editora Topológica, 2022, pp.53-100.
- 5 MILLER, Jacques-Alain. Cinco Variações sobre o Tema da Elaboração Provocada. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2020/02/22Cinco-Variac%CC%A7o%CC%83es-sobre-o-tema-da-elaborac%CC%A7a%CC%83o-provocada22-Jacques-Alain-Miller.pdf>
- 6 FREUD, Sigmund. op. cit., p.115.

A POLÍTICA DA DIREÇÃO DO TRATAMENTO¹

Ordália A Junqueira

psico.rdom@terra.com.br

A passagem do sintoma ao *sinthoma* necessita de um operador: o *desejo do analista*. Em relação a **psicanálise pura** a política é esta *transformação*. Assim, podemos pensar o *desejo do analista* enquanto função analítica, que estabelece a política da *direção do tratamento* e vai de encontro a rebeldia do sintoma. Vale lembrar que a política dessa direção também se constitui como determinante na diferença entre as orientações analíticas: a política da OL do final de análise como *identificação ao sintoma* se opõe à identificação ao analista da orientação da IPA.²

Formular uma ética que elevasse o **desejo do analista** ao vértice da experiência era a recomendação do texto *A Direção do tratamento*³, que predominou em toda obra de Lacan: “Cabe formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar em seu vértice a questão do **desejo do analista**.”⁴

Iniciamos os estudos no Cartel orientados por este texto, que contém 5 partes: Na Introdução pergunta-se *quem analisa hoje?*; a 2ª discorre sobre a *Interpretação*;⁵ na 3ª destaca-se a *Transferência*;⁶ a 4ª com a *ação do analista* - “como agir com seu ser?”⁷ e, por fim, Lacan vai se dedicar ao **desejo**, afirmando que é preciso tomá-lo “ao pé da letra.”⁸ Trilharei na *Introdução* e no *Desejo*, enlaçados ao meu tema singular.⁹

Lacan inicia atacando os teóricos da *contratransferência*, que tentavam reduzir a experiência analítica a uma dialética *intersubjetiva*, análise como diálogo. Para Lacan, a reciprocidade na análise é um chiste e traz o enquadre analítico podendo ser considerado um *artifício*. Pode-se dizer que a dialética do real da transferência com a ficção do dispositivo analítico determina a *direção do tratamento* e sua *orientação*. Para abordá-la, Lacan diferencia 3 planos: a *política da análise* (desejo do analista) sua *estratégia* (transferência) e sua *tática* (interpretação). Lembra que “O psicanalista certamente dirige o tratamento. [...] não deve de modo algum dirigir o paciente.”¹⁰ A *direção do tratamento* consiste, em 1º lugar, em fazer com que o sujeito aplique a regra analítica, assim o problema da direção se revela já de início.

Lacan introduz pelo lado do analista, pois o mesmo também **tem que pagar**:

1º) com palavras elevada ao efeito de **Interpretação** – a *tática* na qual o analista é mais livre tanto no n° quanto ao momento de interpretar;

2º) com a sua pessoa, emprestando-a como fenômenos singulares via **transferência** – a *estratégia* na qual o analista tem menos liberdade, pois a mesma se vê alienada pelo desdobramento que sofre sua pessoa: “ninguém ignora que é aí que se deve buscar o segredo da análise”¹¹;

3º) com “o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne de seu ser.”¹² Os sentimentos do analista só têm um lugar neste jogo: o do morto. Aqui o analista é menos livre ainda, naquilo que domina a *tática* e a *estratégia* ou seja, em sua **política** – *função do desejo do analista*.

Por intermédio da demanda todo passado se entreabre “e o sujeito nunca fez outra coisa e o analista entra na sequência.”¹³ Considerando que o *amor é dar*

o que não se tem, o sujeito pode esperar que isso lhe seja dado, uma vez que o psicanalista nada mais tem a lhe dar, mas nem mesmo esse *nada*; Lacan diz: tem que ser assim – “e é por isso que se paga a ele por esse *nada*, generosamente, de preferência para deixar claro que, de outro modo, isso não valeria grande coisa.”¹⁴ O analista é aquele que sustenta a demanda não para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida, por isso ele deve *saber para onde está indo e é essa a sua política*.

Lacan elege o vínculo entre o ser do analista e seu desejo: o *desejo do analista*. A 1ª coisa introduzida para aproximar-nos o conceito de *desejo do analista* é que a demanda do paciente não é de objeto, é um “ele me demanda”, um *intransitivo* – O que é transitivo na análise, ao contrário, é o sujeito. A demanda, em contrapartida, tem um caráter *intransitivo*, instalando de imediato, a produção da demanda, ao oferecer ao sujeito a oportunidade de falar: “Consegui, em suma, aquilo que se gostaria, no campo do comércio comum, de poder realizar com a mesma facilidade: *com a oferta criei a demanda*.”¹⁵

Destaco a importância de preservar o lugar do desejo na *direção do tratamento*. A análise tem uma direção e consiste em levar o sujeito a dizer seu próprio desejo. E o que o analista tem a dar é o que ele tem, ou seja, o seu *desejo prevenido/advertido*!

REFERÊNCIAS

1 Cartel O DESEJO DO ANALISTA. Cartelizantes: Ordália Alves Junqueira (Mais-um), Fabiana Teixeira de Oliveira, Gean Carlos Cândido, Juliana Passamani Romano, Maria de Nazaré Mangabeira, Robson Campos.

2 GURGEL, Iordan. (2016) Política do sinthoma e o desejo do psicanalista. In *agentedigital*, Vol 1-2011. In: <http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/12/politica-do-sinthoma-e-o-desejo-do-analista/>

3 LACAN, Jacques. (1958/ 1988) *A direção do tratamento*, in *Escritos*, JZE, RJ, 1998, p. 621.

4 Ibid.

5 Op. Cit. P. 598.

6 Op. Cit. P. 608

7 Op. Cit. P. 618.

8 Op. Cit. P. 626.

9 Tema: *A formação analítica e o desejo do analista*.

10 Op. Cit., p. 592.

11 Op. Cit., p. 594.

12 Op. Cit., p. 593.

13 Op. Cit., p. 623.

14 Op. Cit., 624.

5 Op. Cit., p. 623.

A BRANQUITUDE É REALIZÁVEL A PARTIR DA AUSÊNCIA DO SEU CORPO¹

Marcelle Rodrigues

marcellexrodrigues@gmail.com

Se há um vício, ele não está na “alma” do indivíduo e sim na “alma” do meio.

(Frantz Fanon)

○ branco brasileiro pode passar a vida inteira sem se confrontar com a aparição do seu corpo frente às pessoas negras e indígenas. Eu mesma só fui me nomear branca aos 30 anos e não poderia tê-lo feito sem a análise do que aquilo significava em termos individuais e coletivos. Dado que a relevância do tratamento da psicanálise se faz a partir do desencadeamento dos sintomas que aparecem em uma relação, toda psicanálise individual é uma psicanálise social e apenas em casos extraordinários isso não se justificaria ².

Como pode o branco não ver cor? Lacan ³ afirma

que o falo é um símbolo de falta e desejo, diferente do que Freud ⁴ propôs anos antes, identificando-o como um símbolo de autoridade e poder, muitas vezes relacionado com o pênis. Para Lacan o falo é em si um significante que não é revelado na natureza do seu significado. A natureza do falo é ser significante, assumindo dessa maneira uma conduta suspensa de objeto de desejo. Para Lacan, o falo representa um significante no inconsciente com um papel importante na construção da identidade dos indivíduos, e que navega na ordem simbólica da linguagem e da cultura.

O branco não vê cor, pois essa é a única forma de negar a própria raça e dizer que quem tem raça é o outro. Define-se também um lugar específico para cada um nessa relação. Fazer o reconhecimento do outro implicaria em o branco perder a autorrealização que o acompanha. Alguém poderia levantar agora e dizer que o branco reconheceu o negro com o fim da escravidão, entregando-lhe a alforria, mas para Fanon ⁵ isso não é concretizável, pois o branco encontrou nesse momento uma forma de ser elevar ainda mais. O que está por trás da afirmação de querer ser como uma máquina? Ou ainda, o verbo se fez carne?

Após o processo histórico de colonização, o branco ganha outro estatuto, ele se torna, por meio da violência, o ser superior entre os seres humanos. Dessa forma, as instituições, as regras e os parâmetros sociais são construídos a partir de uma só subjetividade racial, a branca. Em outras palavras, construções capazes de produzir a cobiça para todos de uma cultura.

Se o branco brasileiro quer ser mais branco, insumo para o pacto branquitude descrito por Cida Bento ⁶, e as pessoas racializadas também miram o branco como objeto de desejo, pois há ali uma saída de autovalorização; o branco é resistente a qualquer categoria científica que fale de si, o branco assume o lugar do falo lacaniano.

Como significante, a cor da pele não poderia ser em si o único objeto de desejo, da mesma forma que o falo é só uma máscara, por isso, o branco precisa de mais evidências para estar nessa posição, e o reforço vem do que ele mesmo produziu: dinheiro, os cargos sociais de prestígio, a educação exclusiva, a viagem para Europa, além da negação aos acessos e direitos de pessoas pretas e indí-

genas. Mas é a cor da pele que torna possível e sustenta esses desejos que permeiam a nossa cultura capitalista – os objetos socialmente valorizados estão do lado do branco. E o que a psicanálise constata é que todo desejo nasce alienado a um Outro, isso quer dizer, o desejo é de possuir o desejo do Outro.

A aparição do corpo branco, portanto, causa efeitos subjetivos. Dentre os efeitos que advêm do corpo branco estão as questões relacionadas ao valor, interpretadas como mérito de acordo com Fanon. O branco se vale da hierarquia para orientar os desejos dos outros e, assim, permanece no controle daquilo que diz respeito exclusivamente aos interesses do seu próprio grupo, com o valor e o controle; o indivíduo negro passa a não existir como sujeito para o branco. Dessa forma, fica mais fácil compreender por que ainda que o Brasil seja composto majoritariamente por pessoas negras, 56%, os brancos não os vêem, alguns chegam a afirmar que não existe racismo no Brasil. O negro é negado na sua individualidade e liberdade ⁷.

Portanto, a branquitude precisa negar o seu corpo duplamente, primeiro para não ser revelada enquanto o grande Outro ator da ordem social e, por outro lado, para negar o negro enquanto sujeito, o que colocaria à prova a própria noção que o branco construiu de alteridade. Para uma crítica da branquitude é totalmente central (re)pensarmos a crítica da neutralidade devolvendo o corpo ao branco.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel PSICANÁLISE E RACISMO. Cartelizantes: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Gerson Abarca, Maria Eduarda Ramos Gazel, Maria Verônica da Silva, Marcelle Xavier C Rodrigues, Thaís Aguiar Gomes.
- 2 FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- 3 LACAN, Jacques. (1958). A fantasia para além do princípio do prazer. In: **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- 4 FREUD, Sigmund. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- 5 FANON, Frans. (1952). **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu editora, 2020.
- 6 BENTO, Cida (2022). O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- 7 FANON, (1952).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS PARA O ESTUDO DA DIREÇÃO DA CURA EM CRIANÇAS AUTISTAS¹

Silvana Amado Buainain

silbuainain@gmail.com

Nas últimas décadas, muitos psicanalistas, tendo como referência o último Lacan, estão se debruçando para entender o funcionamento do autismo, buscando caminhos e trazendo propostas de tratamento para o autismo.

O ponto de partida é que o autismo é uma quarta estrutura, é a clínica do *falasser*, clínica do UM, pois não é o Outro que domina.

A psicanálise traz um olhar diferenciado para as questões em relação ao autismo. O olhar do psicanalista não é o mesmo do educador e nem de outras abordagens, tanto da psicologia como de outros saberes. Essas abordagens acreditam ter a posse do saber, de fazer o “bem” para o sujeito, fazendo com que o autista possa

alcançar as fases do desenvolvimento, com isso privando-o de seus objetos autísticos, ignorando a função dos objetos enquanto contenção do gozo, ignorando o trabalho da imutabilidade e sendo orientado pela ideia de normalidade, pedindo que ele ocupe a posição de enunciação, não considerando a angústia que isso gera, enfim, ignorando o funcionamento subjetivo do autista.²

A psicanálise vem colocar em destaque esse funcionamento subjetivo, propondo um trabalho orientado pela singularidade, uma forma de tratar o insuportável do Um da Língua, sem reduzi-lo à aprendizagem, tendo a invenção como uma ferramenta primordial para o tratamento.

O psicanalista deve permitir ao sujeito livrar-se de seu estado de retraimento do corpo encapsulado, ser o novo parceiro com exclusão de qualquer reciprocidade imaginária e sem função de interlocução simbólica.

Para ser parceiro do autista é preciso que a interação seja corpo a corpo. Esse laço construído dentro do dispositivo analítico é sutil, e não se deve esperar uma resposta determinada. Colocar-se diante do autista sem intrusão, não dirigir de forma direta, às vezes em silêncio, sem olhá-lo, tentando captar como ele permite essa aproximação. O analista deve buscar conhecer as paixões, seu mundo, seus interesses, e com quais recursos pode contar. Tentar ampliar seu mundo, o funcionamento que o particularize, isso pode ser construído lentamente através de objetos, de palavras.

A pedra angular, do tratamento da criança autista, consiste em permitir que cada criança elabore, com seus pais, um caminho próprio e prossiga nele na idade adulta.³ Sendo importante respeitar a forma de ser de cada um, sua singularidade e, através da diversidade, da invenção, de seus interesses é que podemos abrir caminho para o acesso do sujeito autista a uma saída singular. Com a inclusão do novo vem uma cessação de gozo que afeta o corpo, trazendo algumas mudanças, construindo um limite, a partir de objetos, de ações, de formas de fazer, para que armem um circuito com função de borda e de circuito pulsional.⁴

Maleval⁵ salienta que o que conseguimos é uma mudança na posição subjetiva do autista. Podendo haver um certo descongelamento de SI, dos afetos e do desejo, com mais ou menos sucesso, podendo abrir a capacidade de funcio-

namento de forma autônoma e lhes permitir uma consideração do desejo do Outro, demonstrando que a angústia que impedia de enfrentar o desejo do Outro, “temperou-se”.

Ao privilegiar: a dimensão do sujeito, de seus afetos, da clínica a retenção dos objetos da pulsão, a invenção do objeto autístico e o apoio sobre o duplo, pode-se alcançar uma mudança da posição subjetiva.

O analista vai ajudar o autista a construir uma borda voltada ao laço social, que pode ser um duplo, ou um interesse específico, que corta algo do gozo.

Num segundo momento, estudaremos a importância dos objetos autísticos e do lugar do duplo para que a mudança na posição subjetiva possa ocorrer. Na clínica, sempre encontramos o autista às voltas com algum objeto que desperta seu interesse. Eles nos ensinam que o objeto não deve ser negligenciado, não deve ser visto como obstáculo, mas como apoio para as invenções, podendo contribuir para a saída do fechamento autista. Assim como, o apoio ao duplo pode ser extremamente importante e muitas vezes necessário, para que o autista possa encontrar uma solução para se relacionar com o mundo, saindo do isolamento.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel TEORIA E CLÍNICA DO AUTISMO. Cartelizantes: Fabio Paes Barreto (Mais-Um), Daniele De Oliveira Rodrigues, Matheus Silva Casquer, Regina CheliPrati, Silvana Raquel Amado Buainain.
- 2 MALEVAL, Jean-Claude. O autista e sua voz. São Paulo: Blucher, 2017, p. 298.
- 3 TENDLARZ, Silvia Elena. Clínica del autismo y de las psicosis en la infancia. Buenos Aires: Colección Diva, 2015, p. 161.
- 4 LAURENT, Eric. A batalha do autismo: da clínica à política. Rio de Janeiro :Zahar, 2014, p. 118.
- 5 MALEVAL, Jean-Claude. O autista e sua voz. São Paulo: Blucher, 2017.

O CORPO NA PSICOSE, INVENTAR UM USO¹

Ivana Peixoto Bueno Corva

icorva@yahoo.com.br

Nosso cartel, faz retorno aos casos clássicos de psicose, começando por Schreber, seguido por Aimée, irmãs Papin, até chegar em Joyce. Entre os clássicos recorreremos à literatura com Lol V. Stein e ao psiquiatra – artista Clérambault com seus precisos e preciosos arremates e drapeados.

“Pois o que pode haver de mais certo para o homem do que aquilo que ele experimenta e sente no seu próprio corpo? ”²

De que corpo se trata na psicose? Que invenções seriam possíveis para sustentar o corpo e suportar sua miséria? De que corpo falamos quando dizemos Acontecimento de Corpo e Fenômeno de Corpo? São questões em andamento que almejam ampliar a visão sobre a prática analítica hoje, nesse tempo marcado pela discórdia com o corpo.

Miller³ diz que o corpo é progressivamente introduzido no ensino de Lacan por uma necessidade, a necessidade que a libido exige da referência ao corpo, “é preciso que haja um corpo para gozar, pois somente um corpo pode gozar.”

Segundo Dessel⁴, o corpo humano sofre da estranha doença universal de sua espécie que se chama lalingua, porque ela o atravessa, remodela-o, perverte-o e o embaralha. E para muitos psicóticos o corpo converte-se em um terrível pesadelo.

Na Terceira⁵, Lacan lança a pergunta: “De que temos medo?” E responde: “do nosso corpo.” Aí introduz a relação com a angústia de imaginar a forma do corpo para sustentá-lo no mundo. Temos medo do medo de que nos desarme o corpo ao nos depararmos como imundo que o habita. Há um mal-estar não só na cultura, mas nos corpos. Como nos defender disso?

O estudo da psicose nos oferece a oportunidade de captar a condição humana em toda a sua crueza.

A fratura na Ordem do Mundo de Schreber provocou uma desordem na junção mais íntima do sentimento de vida.

Podemos dizer que há um corpo em jogo na esquizofrenia (Lacan não trabalhou muito com o conceito de esquizofrenia e quando queria referi-lo dizia sobre um suposto ou um dito esquizofrênico)? Segundo Sergio de Campos⁶, “O Corpo para o esquizofrênico se apresenta como corpo despedaçado, fragmentado, disperso, sem identidade e unidade, submetido a uma força libidinal centrífuga, sem imagem especular.” Dessa maneira, o estágio do espelho com a imagem não é suficiente para que o sujeito possa apropriar-se de seu próprio corpo, já que esse só se constituiria como tal a partir do corpo simbólico.

Schreber relata que durante sua doença não houve um dia sequer que o seu corpo não fosse operado por milagres. Durante sua primeira internação aparecem os fenômenos de corpo provavelmente já relacionados à emasculação, ou aos seus pródomos.

Desde os primórdios da minha ligação com Deus até hoje, meu corpo vem sendo ininterruptamente objeto de milagres divinos [...] Não há um único órgão do meu corpo que não tenha sido prejudicado por milagres, nem um único músculo que não tenha sido distendido para pô-lo em movimento ou paralisá-lo”.⁷

Tais “milagres” eram operados nos órgãos internos do tórax e abdome, seus pulmões foram alvo de ataques violentos, vermes pulmonares lhe foram introduzidos, costelas destruídas, a abominável pressão do peito onde a comida e bebida ingeridas caíam diretamente na cavidade abdominal e nos quadris, sangue envenenado por raios impuros e etc. Experiência cinestésica onde o corpo se retorce, sacode e grita por si mesmo, desobedecendo às ordens do seu dono.

Para aplacar a desordem que o acomete, Schreber teve que ordenar seu mundo e, para tal, trabalhou exaustivamente para sistematizar o seu delírio. “A Ordem do Mundo” tende à emasculação de um homem que entrou em contato permanente com os raios divinos. Nela os órgãos sexuais externos (escroto e membro viril) eram retraídos para dentro do corpo e transformados nos órgãos sexuais femininos correspondentes.

Ao desencadear sua psicose, Schreber reconstrói gradativamente a realidade com sua metáfora delirante como “A Mulher de Deus”. Encontra, assim, uma solução para o pavor da possível homossexualidade e migra do “como seria bom ser copulado como uma mulher” para “como seria bom ser copulado sendo a mulher de Deus” e produzir uma nova humanidade. Arma um engenhoso sistema delirante de redenção para dar conta desse gozo avassalador e da frustração de não ter tido filhos biológicos.

É preciso inventar algo para esse corpo tomado por fenômenos de captura de um real sem lei, do qual não se pode escapar. Afinal, “Gostaria de ver qual homem que, tendo de escolher entre tornar-se um idiota com aparência masculina ou uma mulher dotada de espírito, não preferiria a última alternativa.”⁸

REFERÊNCIAS

1 CARTEL: Os clássicos de psicose. Data de início: 20/05/2023. Cartelizantes: Bartyra de Castro

(Mais-Um), Antônio Noleto Costa, Yago Teles Santos e Ivana Peixoto Bueno Corva.

2 SCHREBER, Daniel Paul. Memórias de um doente dos nervos. São Paulo: Todavia, 2021,p.145.

3 MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise + inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p.81.

4 DESSAL, Gustavo. Nas psicoses os órgãos falam sozinhos. Bahia: Agente, n. 15, 2013, p.26

5 MILLER, Jacques-Alain. A terceira; Teoria de lalingua. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p.51.

6 CAMPOS, Sérgio. Investigações lacanianas sobre as psicoses, vol. 1-As psicoses extraordinárias. Belo Horizonte: Topológica, 2022, p104.

7 SCHREBER, 2021, p.144.

8 Ibid, p.165.

ENTRE O BRANCO E O PRETO: A FRONTEIRA¹

Maria Eduarda Ramos Gazel

mariaedramosg@gmail.com

“Minha última prece: Ó meu corpo,
faça sempre de mim um homem que
questiona!”

(Frantz Fanon)

Em certo dia, estava distraída na fila do açougue que frequento, quando chegou minha vez de ser atendida e o atendente brincou: “agora vou atender o pessoal da fronteira, pode vir moça!” Demorei alguns segundos até entender que ele falava comigo, ao que perguntei: “que fronteira?” Segundo ele, imaginou que eu fosse peruana ou boliviana. Lembro-me sempre desse diálogo, porque ele – homem retinto, que me reconhece sendo uma pessoa não-branca, entretanto não sendo semelhante a ele – nomeou bem quando disse da *fronteira*.

Chego a esse cartel como quem vê nesse espaço, possibilidade de fazer algo com aquilo que é questão para mim. O interesse em estudar questões de raça, cor,

colonização/descolonização, e as contribuições da psicanálise que se entrelaçam a esses temas, é uma tentativa de elaborar a complexidade da racialização no Brasil contemporâneo, sendo essa uma questão que atravessa diretamente a minha existência. Em meu trabalho, buscarei fazer o recorte da constituição de [eu], e da significância da imagem nesse estádio em que incorporamos tal imagem, a partir da óptica dos corpos não-brancos no território brasileiro –território que tem na marca de sua constituição a colonização e escravidão. Ao pensar corpo, raça e cor no Brasil hoje, não dá para ser exatamente “preto no branco”. A fronteira é o *entre*.

A partir do “Estádio do Espelho”, compreendo que a imagem primordial reconhecida no espelho antecede a constituição de sujeito, entretanto sendo parte importante que constitui o [eu], e necessariamente o Eu Ideal.

Essa forma devia ser designada por [eu]-ideal se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu.²

É comum entre as pessoas negras, sobretudo as pardas/mestiças, ou negras de pele clara – já que estas vivenciam o que aqui chamo de *fronteira*: esse *entre*, que causa uma falsa sensação de um poder de escolha – reconhecerem essa imagem tardiamente. Penso que esse tardiamente venha a ser por uma série de fatores singulares da história de cada um, entretanto um fato em comum a todo caso: o Outro é sempre branco. “É que o branco não é apenas o Outro mas o senhor, real ou imaginário.”³ O Eu Ideal do brasileiro, ser colonizado, é sempre um ideal branco. Uma saída muito comum para essa questão na vida de pessoas não-brancas é a incessante tentativa de embranquecimento. Toda vez que Fanon for citado dizendo do “homem de cor”, do “preto”, e/ou do negro, nesse texto compreenderemos como todas as pessoas não brancas, sendo negras de pele clara ou escura, mestiças, pardas, e indígenas, levando em consideração que no Brasil, a paleta entre o branco o preto é muito extensa e complexa.

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é

unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas.⁴

Lacan diz que a função primordial da imago nesse processo é “estabelecer uma relação do organismo com sua realidade”⁵, ao que entendo ser necessário diferenciar então a relação estabelecida entre o organismo de uma pessoa branca, para com uma realidade branca, da relação que se estabelece entre o organismo de uma pessoa não-branca, com uma realidade branca. A segunda é uma experiência que despedaça: “Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência.”⁶. A tentativa do embranquecimento talvez seja também uma tentativa de juntar cacos para fazer daquilo uma imagem, mas esse mosaico não se fecha, afinal como bem coloca Fanon “[...] ao primeiro olhar do branco, ele sente o peso da melanina.”⁷. Ou uma tentativa de não desmoronamento do ego, “quando os pretos abordam o mundo branco, há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego.”⁸ Sendo uma alienação que pode se sustentar por toda uma vida, ou que hora vem a desmoronar, ao que questiono então: a psicanálise que fazemos, escuta de fato todas essas subjetividades? Ou melhor, nós, enquanto seres colonizados, o que fazemos para descolonizar e desembranquecer nossa escuta clínica?

Peço que me considerem a partir do meu Desejo. [...] Exijo que levem em consideração minha atividade negadora, na medida em que persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos.⁹

E se estamos aqui agora reunidos enquanto Escola Brasileira de Psicanálise, o que fazemos para que as subjetividades não-brancas brasileiras existam nesse espaço construído à priori, sob uma perspectiva branca e colonial?

REFERENCIAS

1 Cartel PSICANÁLISE E RACISMO. Cartelizantes: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Gerson Abarca, Maria Eduarda Ramos Gazel, Maria Verônica da Silva, Marcelle Xavier C Rodrigues, Thaís Aguiar Gomes.

2 LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 98.

3 FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 124.

4 Ibid, p. 104.

5 Ibid, p. 100.

6 Ibid, p.125.

7 Ibid, p.133.

8 Ibid, p. 136.

9 Ibid, p. 181.

FEMINISMOS E SEXUAÇÃO¹

Tatianne Mil Homens Felipe

tatiannemil@gmail.com

Qualquer escolha que fazemos diz de nós como sujeitos. Em trabalhos e produções acadêmicas não seria diferente, procuramos estudar e escrever sobre o que nos move de alguma forma. Seja de forma consciente ou inconsciente, a escolha não é feita por acaso.

Tendo nascido em 1985, na minha adolescência vi surgir entre meus pares uma religião da moda: a doutrina Wicca (ou, um retorno à bruxaria), bem como um *frisson* sobre o livro “Mulheres que Correm com Lobos”.

Programas como “a banheira do Gugu” e o filme “Jovens Bruxas” (Andrew Fleming, 1996) coexistiam no mesmo momento histórico. De um lado, o programa “familiar” de muitas tvs brasileiras de domingo à tarde, mulheres de biquíni em uma banheira de espuma tentando segurar homens com seu corpo em uma “luta livre”, onde homens fingiam se debater e a única imagem aceitável de uma mulher, que tentava sobrepujar um homem, era a de uma bela mulher de biquíni mi-

núsculo, um jogo sexual na tevê da sala da avó para a família brasileira ver pós almoço de domingo.

Do outro, um filme sobre adolescentes que descobrem seu “poder feminino” através da bruxaria. Porém, hoje percebemos a ironia de que, ao primeiro gosto pelo poder, essas adolescentes se embriagam, e seus desejos são para coisas mesquinhas e superficiais, como: aparência, vingança contra outra mulher e a busca pelo amor rejeitado.

A única que deseja o poder pelo poder, Nancy, é recompensada com a loucura e somente a protagonista virginal e modesta escapa com algum poder no final.

Hoje, assim como as roupas de cintura baixa e o Tamagotchi, o “feminismo esotérico” dos anos 90 e 2000 retorna. Porém, revestido ainda mais como instrumento de liberação feminina.

O chamado feminismo esotérico, que indicamos na base como Místico, conta com organizações cuja retórica se distancia da dos movimentos sociais, [...] Em grande medida, observa-se uma lógica de prestação de serviços (retiros, vivências, práticas corporais, cursos) ou produtos (velas, roupas, etc.), nesse tipo de iniciativa que propaga um “despertar feminino”.²

A astrologia nunca esteve tão presente, cristais; velas, o sagrado feminino. Rituais de “defumação de útero” e a valorização da biologia feminina a todo custo, mesmo que às vezes venha associado a transfobia extrema. Se não há útero, se não nasceu com uma vagina, não se sabe o que é ser uma mulher. Parte das feministas radicais vêem a defesa às mulheres trans como uma ameaça às leis que especificamente, evitam a discriminação das mulheres estariam em risco. (Álvarez, 2020 in Fajnwaks, 2021)³

Se segundo Simone de Beauvoir ⁴: não se nasce uma mulher, torna-se, e segundo Lacan⁵ a mulher não existe, que feminismo seria esse que tão desesperadamente busca a valorização anatômica frente a posição subjetiva da formação do papel feminino empoderado que luta desesperadamente contra a subjugação?

É interessante pontuar que desde o início da minha escolha de pergunta no Cartel, venho observando a presença pungente desse feminismo esotérico em minha clínica.

N, paciente de 30 anos que atendo há 2 anos, frequentemente traz em suas sessões questionamentos como: “Será que eu sou assim por que sou leonina? Por isso que tenho essa necessidade que me adorem, que me elogiem? Sou tão narcisista assim?”.

Mencionando Miller em seu texto “De lo insoportable del Padre a la alegría del inconsciente” de 2018, Fabián Naparstek diz que não vivemos em uma época do Nome do Pai em onde “o pai de carne e osso nunca estava à altura da sua função”. O autor localiza que na época atual lidamos com um pai que é “impossível de suportar”, “obsoleto” (Miller, 2013 in Naparstek, 2018).⁶

Porém, mesmo que ele tenha perdido sua eficácia, continuamos girando em torno dele, como um Sol, e ao irmos em direção a este Pai ineficaz e real, tal qual uma planta, assim surge o insuportável pois ele se encontra no campo do gozo sem pudor, fora do desejo, que não suporta restringir suas pulsões.

Laurent ⁷, diz que “haverá de ver se as mulheres conseguem fazer as coisas melhor que as figuras desvalorizadas dos pais impotentes”. Gabriela Camaly⁸, também frisa a propensão das mulheres a inventar soluções singulares ante ao gozo impossível de negatizar que se apresenta sempre fazendo furo no Outro.

Seria o ressurgimento deste feminismo esotérico, com a força e inexorabilidade da Natureza e do Universo, uma resposta a este Pai impotente e insuportável?

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel A QUESTÃO DA SEXUAÇÃO NO MUNDO. Cartelizantes: Anna Rogéria Nascimento de Oliveira (Mais-Um), Ana Clara Zaiden de Carvalho Modesto, Caroline Cabral Quixabeira, Jaqueline Souza Franco, Tatianne Mil Homens Felipe.
- 2 JUSTUS, P.; Romancini, R. e Castilho, F. ; “UM PRISMA, MUITAS FACES: mapa de coletivos de mulheres, suas propostas e formas comunicativas” , Porto Alegre - RS, XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019, p. 2, https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5461705/mod_resource/content/1/Texto_coletivos_de_mulheres_complementado.pdf

3 FAJNWAKS, Fabián., A escolha do sexo – A experiência enigmática da sexuação 8 de julho de 2021, <https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2021/a-escolha-do-sexo-a-experiencia-enigmatica-da-sexuacao1/>

4 BEAUVOIR, Simone de., O Segundo Sexo, v. I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.

5 LACAN, Jacques., O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973), 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 19.

6 NAPARSTEK, Fabián., Feminismos Variaciones Controversias, Buenos Aires, EOL - Grama, 2018, p.47-49.

7 LAURENT, Eric., “La elección subjetiva de las mujeres”, El psicoanálisis y la elección de las mujeres, Tres Haches, Buenos Aires, 2016, p. 227.

8 CAMALY, Gabriela., “La subversion femenina, Feminismos Variaciones Controversias, Buenos Aires, EOL - Grama, 2018, p 107

O OLHAR COMO OBJETO PEQUENO a^1

Elisa Martins Uyttenhove

elisamartinso@yahoo.com.br

Nosso cartel, composto por Anallú Guimarães, Eliene Salgado, Thaís Aguiar e eu, como mais-um, dedica-se à leitura do Seminário 11. Dentre as quatro noções trabalhadas por Lacan neste seminário, nos debruçaremos sobre a pulsão escópica no que o objeto olhar é paradigmático para sinalizar a inapreensibilidade do objeto pulsional. Assim, teceremos algumas elaborações iniciais resultantes dessa leitura, articulando ao final com um fragmento de caso clínico.

No capítulo *A anamorfose*, Lacan recupera um trecho do livro de Sartre em que o filósofo narra a seguinte cena: alguém olha por um buraco de fechadura quando é surpreendido por um ruído de folhas que denuncia a presença de passos. Podemos destacar nessa cena dois momentos distintos que nos permite trabalhar a particularidade do objeto olhar:

No primeiro momento, o sujeito se satisfaz olhando o que se passa através do buraco da fechadura. Ele é capturado pela cena, mas o objeto olhar que sustenta o desejo permanece elidido na imagem. Lacan destaca que as características inerentes ao objeto olhar, sua fugacidade e evanescência, possibilitam certo aprisionamento do sujeito na imagem, não permitindo entrever o que há para além da aparência². Desse modo, “a queda do sujeito fica sempre despercebida, pois ela se reduz a zero”³. O objeto olhar, é

[...] mais do que qualquer outro objeto, desconhecido, e é talvez por essa razão também que o sujeito consegue simbolizar com tanta felicidade seu próprio traço evanescente e punctiforme na ilusão da consciência de ver-se vendo-se, em que o olhar se elide⁴

A experiência da visão tende, por conseguinte, a promover um apagamento da divisão subjetiva. Na completude imaginária do ver-se vendo-se acredita-se ilusoriamente poder capturar tudo, sem nenhuma perda. Nas palavras de Lacan: “uma vez que o sujeito tenta acomodar-se a esse olhar, ele se torna, esse olhar, esse objeto punctiforme, esse ponto de ser evanescente, com o qual o sujeito confunde seu próprio desfalecimento”.⁵ Assim, ao permanecer de tal modo aderido ao olhar, o sujeito o confunde com sua própria divisão, obstruindo o desejo.

Já no segundo momento da cena, o olhar é extraído quando o Outro anuncia sua presença, fazendo emergir o sujeito em sua posição desejante. Lacan faz questão de ressaltar a sutileza com que o filósofo descreve essa imagem, pois não se trata de um olhar visto, mas sim imaginado no campo do Outro⁶. Não é, portanto, diante do outro semelhante que o sujeito se descola do olhar. É na contingência do encontro com o Outro, que algo dessa ilusão de completude se perde, revelando a face opaca e vazia do objeto que causa o desejo. A dimensão da surpresa que se faz presente na cena é fundamental para acordar o sujeito de seu estado de adormecimento. Aqui, a *tique*, enquanto encontro faltoso com o real, retira o sujeito da repetição monótona do *automaton*.

Caso clínico

M. sonha estar trabalhando em uma boate que se assemelhava a um prostíbulo e que era uma espécie de prisão. Seu trabalho era servir os homens bêba-

dos, que olhavam para as mulheres e que são descritos, por ela, como asquerosos e nojentos. Ela tinha como objetivo trabalhar para conseguir ter condições de sair desse lugar, o que acontece no momento seguinte do sonho, em que se encontra em um ônibus, mas já não sabe mais quem é e nem mesmo para onde vai. O olhar dos homens bêbados e asquerosos remete ao olhar do pai alcoolista para as mulheres, que desde muito cedo na infância a incomodava. A fixação a esse olhar, que ela extrai do Outro, impõe dificuldades para a aproximação dos homens. Ela está sempre armada, como costuma dizer, e diante dos olhares masculinos defende-se com uma postura rígida que expulsa o outro.

Por outro lado, o sonho revela também, o aprisionamento à posição subserviente que traz ecos do lugar que, em sua herança familiar paterna, as mulheres ocupam: servir os homens. Paradoxalmente, contudo, o lugar que, em princípio, a aprisiona é também de onde ela retira as condições de possibilidade para sua saída, ao juntar dinheiro suficiente para comprar uma passagem de ônibus. De repente, então, ao sair desse lugar, depara-se com um não saber: sua identidade e seu destino são desconhecidos. O que podemos pensar sobre a emergência do objeto olhar nesse desconhecimento angustiante que surge despertando o sujeito do sonho? Em que medida o desmoronamento da imagem de si pode ser pensado a partir de alguma separação promovida em relação a esse olhar do pai?

REFERENCIAS

1 Cartel LEITURA DO SEMINÁRIO 11. Cartelizantes: Elisa Martins Uyttenhove (Mais-Um), Thaís Aguiar Gomes Cosmo, Anallú Guimarães Firme, Eliene Salgado.

2 Idem. Ibid. A esquite do olho e do olhar. p.80.

3 Idem. Ibid. 80.

4 Idem, Ibid. A Anamorfose. p. 86.

5 Idem. Ibid. p.86.

6 Idem. Ibid. p. 87.

EXPRESSÕES DO MASOQUISMO FEMININO¹

Carlos Alberto De Sá Barros Jr

carlosbarrosjr93@gmail.com

A partir da escuta clínica, inicio minha investigação com a questão: Quais expressões possíveis do masoquismo feminino? E para responde-la me sirvo do trabalho de Cartel.

Em “O Problema Econômico do Masoquismo”, Freud (1924)² rompe com a noção de que o masoquismo é a transformação do sadismo, e aponta para a existência de um masoquismo originário, ou erógeno, trazendo à noção de três masoquismos: erógeno, feminino e moral. Em relação ao masoquismo feminino, inicia sua apresentação do mesmo com exemplos de casos masculinos, impotentes, onde o ato masturbatório é o ponto final das fantasias. Tais fantasias onde esses sujeitos se colocam como crianças pequenas e desamparadas, apresentando conteúdo manifesto de ser maltratado.³

Tal masoquismo tem por base o masoquismo erógeno onde se obtém o prazer no sofrimento. Sobre o ma-

soquismo erógeno ou original há uma aproximação à Pulsão de Morte. Freud nos adverte que jamais lidamos com pulsões de vida e de morte puras, mas sim com uma fusão de ambas. Esse masoquismo original, portanto, seria uma porção que fica libidinalmente presa dentro do organismo, pois mesmo quando sua parte principal é transportada para fora, resta um resíduo, o masoquismo propriamente dito, e que se torna componente da libido e toma o Eu como objeto. O masoquismo erógeno adere à libido e se expressa, por exemplo, na fase anal-sádica como um desejo de ser espancado pelo pai.⁴

Na fantasia em questão se encontram sentimentos de prazer ao qual o sujeito reproduz inúmeras vezes, uma satisfação masturbatória, “um ato de agradável satisfação auto-erótica”. A fantasia sofre um desenvolvimento, em três fases, no qual alguns aspectos são modificados em relação ao autor, ao objeto, ao conteúdo e ao significado. O segundo momento da fantasia é o mais importante; a frase que representaria essa segunda fase seria “Estou sendo espancado pelo meu pai”. Esse momento da fantasia é acompanhado de um grande prazer e aqui adquire características masoquistas. Vale lembrar que este momento é uma construção de análise, é inconsciente, nunca é lembrado, mas nem por isso menos importante. Freud nos traz, o que para mim é o central no artigo, a sua interpretação de que *ser espancado* é equivalente a *ser amado*. Esse ser espancado é uma convergência entre o sentimento de culpa e o amor sexual em relação ao pai. Complementa esse pensamento dizendo que o sentimento de culpa não é o conteúdo total do masoquismo, e que devemos pensar nessa parte designada ao impulso de amor.⁵

Vinheta Clínica

A. 32anos, procura atendimento, pois se sente incomodado pelo fato de sofrer de uma impotência sexual. Diz ser homossexual assumido tanto para si quanto para a família, porém, em um primeiro momento, não houve uma aceitação do pai, que negava a sexualidade do paciente ao se expressar, por exemplo, com a frase “prefiro um filho morto que gay”. Ao decorrer das sessões, relata um vício em masturbação, servindo-se de contos eróticos. Investigando o conteúdo desses contos, revela com relutância, que se tratam, nas cenas dos contos, de homens mais velhos com cargos importantes com homens mais novos. Questio-

nado em qual papel assume quando se masturba, informa: no do homem mais novo da cena. Em certo momento relata uma cena infantil, por volta dos 5, 6 anos de idade ao escutar de uma avó a seguinte frase: “meninos mais novos que vão para o mato com meninos mais velhos voltam com o bumbum machucado”.

Considerações

No caso clínico compreendo a impotência sexual do paciente como sendo expressão do masoquismo feminino em um homem, uma materialização da fantasia no corpo, de querer ser amado por esse pai, do reconhecimento que é, segundo Lacan (1957/58), uma das facetas da fantasia masoquista.⁶ Os contos eróticos e a masturbação como modos de expressões de tal masoquismo. Uma masturbação acompanhada de culpa, e que consome toda a vida sexual do sujeito, o qual, em sua fantasia, estaria aproximando machucado de ser amado, quando pensamos sobre o dito da avó, se colocando em uma posição infantil e feminina frente aos personagens dos contos lidos, substitutos do pai. Nos ensinando, assim como Miller (2020)⁷ que o masoquismo é o tema fundamental de todo fantasma. Em análise, ao falar dessas questões, foi elaborando as exigências paternas que apontavam para a morte, dando primazia a fala, declarando, em suas últimas sessões, já haver ereções durante as relações com os parceiros. Concluo que o masoquismo é a expressão da pulsão de morte, com a presença do erótico, uma confluência entre a pulsão de morte e Eros.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel O MISTÉRIO DA SEXUAÇÃO. Cartelizantes são: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Carlos Alberto de Sá Barros Jr., MailaThaiane Rocha Siqueira, Olenice Amorin Gonçalves, Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer.
- 2 FREUD, Sigmund. O Problema Econômico do Masoquismo. *Neurose, Psicose, Perversão*. Autêntica. 1924.
- 3 Ibid, p.290.
- 4 Ibid, pp. 291-294.
- 5 FREUD, Sigmund. Uma Criança é Espancada – Uma Contribuição ao Estudo Da Origem das Perversões Sexuais. *Uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos* Vol. XVII. Imago. Rio de Janeiro. 1917-1918. pp. 193-211.
- 6 LACAN, Jacques. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 255.
- 7 MILLER, Jacques-Alain. El partenaire-síntoma. Buenos Aires. Paidós. 2020. p. 181.

SEMBLANTE E O NÃO-TODA¹

Adriana Gomes Pessoa

gpessoa@gpessoa.com.br

Este texto refere-se ao avanço da leitura em cartel do Seminário 18, “De um discurso que não fosse semblante”², sobre a articulação do tema “Semblante e o não-toda”, naquilo que as mulheres portam uma diferença em relação aos homens no uso dos semblantes. Uma mulher tem uma liberdade maior com o semblante, e, mais que isso, é a única, afirma Lacan, que pode dar lugar ao semblante. Neste Seminário Lacan, além de introduzir uma outra significação ao termo semblante, introduz a relação homem e mulher como posições sexuadas na operação com o semblante.

“[...] O homem faz semblante de ter o falo, já que tem o suporte imaginário, o pênis. A mulher, por sua vez, como não o tem, é mais acessível a sê-lo, o que lhe permite uma “enorme liberdade com o semblante”³. É justamente porque a mulher está no lugar de quem não tem o falo que ela pode sê-lo. Dessa forma, Lacan

destaca que o falo, como da ordem do gozo sexual, é “solidário a um semblante”⁴.

Lacan no capítulo II situa o lugar do semblante no discurso: “Só há discurso de semblante.” Introduz a particularidade das posições feminina e masculina. O percurso relativo aos jogos de semblantes da dialética fálica adquire nova significação a partir de elementos teóricos que Lacan aqui introduz. O falo é definido, então, como “o gozo sexual, na medida em que está coordenado com um semblante, como solidário a um semblante”. O semblante, contudo, sempre envelopa o vazio e pretende fazer acreditar na existência de algo que não há. O falo, enquanto semblante é o que ordena tudo o que gera impasse ao gozo sexual no homem e na mulher. Sobre a relação sexual, Lacan demarca neste Seminário que ela não se inscreve; só existe a relação sintomática entre os sexos.

Os modos de gozar dos seres falantes determinam sua divisão em posições sexuadas introduzida a partir dos quantificadores: do lado da mulher os universais e do homem como existencial.⁵ Lacan, ensaia neste seminário o que tomará corpo nas fórmulas da sexuação, onde no lado homem se lê a formação de um conjunto todo-fálico, sustentado por ao menos um que funciona como exceção à função fálica. Ao passo que no lado mulher se lê que não há nenhuma que escape à função fálica, ao mesmo tempo em que ela é não-toda nessa mesma função, o que demonstra modos distintos em relação à castração. A lógica do gozo não-todo fálico possibilitou a formalização de um gozo para além do falo.

A dissimetria dos sexos, em relação ao semblante, como indica Miller na contracapa do Seminário 18, torna o homem escravo do semblante, posto que significa o homem como tal. Em troca, nas mulheres, na medida em que o gozo feminino é não-todo, não se deixa aprisionar por este semblante, faz objeção ao universal e deixa-a mais próxima do real.

E, é nesta dissimetria que emerge a relação mais ao fundo, como afirma o próprio Lacan, de uma mulher com o semblante. A mulher responde ao homem como status de seu semblante, pois está em condições de pontuar a equivalência entre gozo e semblante. A mulher, afirma Lacan, é a que sabe melhor o que é

disjuntivo no gozo e no semblante. O que se opõe aos semblantes é real do gozo, e isto as mulheres o sabem.

Pode-se afirmar que o semblante é o recurso, digamos, que torna possível lidar com a dissimetria entre homens e mulheres, com o ponto de insuportável da ausência de relação sexual. No que diz Lacan: “a relação sexual falta no campo da verdade, posto que o discurso que a instaura provém apenas do semblante, por só abrir caminhos para gozos que parodiam – essa é a palavra adequada – aquele que é efeito, mas que permanece alheio”⁶.

O que marca o que é do feminino em uma mulher é o que a permite se fazer de semblante para um homem, mediante também “desafio”. Não é sem razão que Lacan aborda a histeria neste Seminário.

“Quanto mais uma mulher crê no seu semblante, fazendo dele um verdadeiro refúgio para a feminilidade, mais ela sacrifica nela o que há de feminino. Eis o desafio para mulher, já que mascarar-se é a condição para ser desejada por um homem”⁷.

REFERENCIAS

1 Cartel LEITURA DO SEMINÁRIO: LIVRO 18 – LACAN. Cartelizantes: Ceres Lêda Félix de Freitas Rúbio (Mais-Um), Alberto Murta, Adriana Gonring, Adriana G. Pessoa, Ana Paula Fernandes Rezende.

2 LACAN, Jacques. (1971) O Seminário. Livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

3 Ibid, p.34.

4 Ibid, p.34.

5 Ibid, p.136.

6 FUENTES, M. J. (2001) O exílio d mulher, em Opção Lacaniana. São Paulo: Éolia, nº31, set./2001, p. 52-55.

7 Idem, ibidem.

INIBIÇÃO, SINTOMA¹

Claudia Murta

cmurta@terra.com.br

○ tema de meu trabalho em cartel se intitula “Corpo e Sintoma”, para tanto, minhas leituras voltam-se para o “O Parceiro-sintoma”, de Jacques-Alain Miller, cuja proposta aborda o texto freudiano “Inibição, sintoma e angústia” como chave de leitura para o último ensino de Lacan². Freud deixa claro que os sintomas representam satisfações e, o uso freudiano do termo satisfação, pode ser lido, por meio da teoria de Lacan, como gozo. Para Miller, o texto freudiano força o limite em que o gozo sempre se apresenta sob a forma do sintoma. Em suas articulações do texto freudiano com o vocabulário lacaniano, nomeia o sintoma como gozo traduzindo a insaciável exigência de satisfação da pulsão. Como modo de gozo, o sintoma escapa ao princípio de prazer, manifestando-se como desprazer³ e interfere no curso da pulsão como desvio⁴. Trata-se de uma satisfação inconsciente que não é sentida como tal, mas sim experimentada como sofrimento⁵.

De minha parte, com base no último ensino de Lacan, penso que o texto freudiano em questão⁶ é cons-

truído como um nó de marinheiro, no qual as duas pontas, inibição e angústia, retornam sobre o sintoma, fazendo um nó muito claramente perceptível no capítulo IX. Assim, no meu entender, o texto divide-se: capítulo I inicia o nó com a inibição; capítulos II a VI sobre o sintoma; capítulos VII e VIII sobre a angústia; capítulo IX entrelaçamento entre inibição, sintoma e angústia, no qual o nó se fecha e o capítulo X finaliza a ponta do nó com a angústia.

O primeiro capítulo consagrado à inibição indica a perspectiva do conjunto da obra – o funcionamento. Na leitura de orientação lacaniana, Freud organiza tudo o que trava o funcionamento – inibições, sintomas e angústia ⁷. Nesse sentido, o sintoma aparece como uma subdivisão da inibição quando o não funcionamento é patológico.

Para Freud, inibições e sintomas não se diferenciam muito. No seu entender, pode haver inibição sem a presença de sintoma, enquanto o mesmo também pode ser uma inibição. Contudo, destaca que o conceito de inibição se relaciona intimamente com o conceito de função e destaca quatro funções passíveis de inibições: a função sexual, a função nutrícia, a função locomotiva e o trabalho profissional.

As quatro funções elencadas por Freud remetem, ao meu ver, às potências da alma propostas por Aristóteles no “De Anima”: nutritiva, perceptiva, desiderativa, locomotiva e raciocinativa ⁸. Tal paralelo facilita o entendimento da temática da inibição em Freud que se refere ao movimento como impedimento. Em Aristóteles, a alma é o princípio do movimento do corpo animado. Ambos autores tratam em seus textos sobre a temática do movimento. A inibição aconteceria no âmbito do movimento da função específica, cuja causa é a libido. Assim, a inibição é diretamente ligada à pulsão sexual e, no paralelo com o texto aristotélico, libido equivale a alma ou princípio do movimento.

Segundo Miller, essas inibições da libido, sejam por excesso, sejam por falta, dificultam o funcionamento e impõem uma renúncia à função devido a um investimento mal situado ⁹. Quando a atividade está demasiadamente sexualizada, o eu evita um conflito com o id; quando a inibição está a serviço do autocastigo, o eu evita um conflito com o supereu; nas inibições globais, o eu renuncia a essas

funções por não ter libido disponível ¹⁰. Assim, a inibição confronta diretamente o funcionamento da libido conduzindo, tal como enfatiza Miller, à impotência do eu ¹¹. Como isso acontece na prática?

Para abordar praticamente essa temática, recorro ao testemunho de passe da Analista da Escola, Tânia Abreu que, nas IV Jornadas da EBP-LO, brindou-nos com o tema da inibição sintomática, apresentando:

o apego resistente ao programa de gozo comandado pelo significante “burra”, quando cedeu espaço para algo do novo advir, a idealização que me acompanhou durante um longo período de minha vida alimentando a inibição intelectual, consinto em ser como posso ¹².

Tal como propõe Freud, a analista demonstra que a inibição, servindo ao supereu, condiz com o programa de gozo ao responder, via inibição nomeada intelectual, ao imperativo “burra”. Respondendo ao xingamento “burra”, por meio da inibição intelectual, trava o movimento da pulsão de saber e, ao deixar de servir com tanta dedicação ao supereu, a analista consegue lidar com sua inibição. Ao questionar sobre a causa do sobrenome intelectual dado pela analista à sua inibição, concluo que intelectual é o nome sintomático que enlaça sua inibição e com o qual, por se tratar de uma formação do inconsciente, pode mobilizar a disfuncional inibição.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel O MISTÉRIO DA SEXUAÇÃO. Cartelizantes são: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Carlos Alberto de Sá Barros Jr., MailaThaiane Rocha Siqueira, Olenice Amorin Gonçalves, Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer.
- 2 MILLER, Jacques-Alain. El Partenaire-sintoma. Buenos Aires: Paidós, 2008, p. 27.
- 3 Idem, p. 64.
- 4 Idem, p. 65.
- 5 Idem, Ibidem.
- 6 FREUD, Sigmund. (1925-1926/1996). Inibição, sintoma e angústia. Obras completas, ESB, v. XX. Rio de Janeiro: Imago.
- 7 MILLER, Jacques-Alain. El Partenaire-sintoma. op. cit., p. 68.
- 8 ARISTOTELES. De Anima. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012, (II.33 414a29), p. 70.

9 MILLER, Jacques-Alain. El Partenaire-síntoma. op. cit., p. 69.

10 Idem, p. 70.

11 Idem, Ibid.

12 Texto apresentado nas IV Jornadas da EBP-LO: “Que loucura é essa? ”, em Brasília, DF, no dia 16/09/2023.

POR UMA ESCUTA CLÍNICA QUE LEVE EM CONSIDERAÇÃO A EXISTÊNCIA DO RACISMO¹

Thaís Aguiar Gomes

thaisaguiar.psicologa@gmail.com

(...) De repente umas vozes na rua
me gritaram

Negra!

(...)

“Por acaso sou negra?” – me disse

SIM!

“Que coisa é ser negra? ”

Negra!

E eu não sabia a triste verdade que aquilo
escondia.

(...)

E odiei meus cabelos e meus lábios
grossos

e mirei apenas minha carne tostada

E retrocedi

Negra!

(...)

Poema “Me gritaram negra” de Victória
Santa Cruz

Este texto apresenta algumas elaborações acerca da questão que anima minha participação no cartel *Psicanálise e racismo*, a saber: como construir uma escuta clínica que leve em consideração a existência do racismo? Quais recursos a psicanálise nos oferece para escutar, em nossa clínica, sujeitos cujos sintomas revelam as marcas do racismo, à medida em que este é fonte de sofrimento psíquico, especialmente no Brasil, onde a população negra convive com “uma ferida aberta oriunda do racismo que remonta à nossa história de longa tradição escravocrata” ²?

Tais efeitos subjetivos são abordados por Fanon em articulação com a psicanálise. Para isso, o autor relata um episódio que vivenciou na França:

“Mamãe, olhe o negro, estou com medo! ” Medo! Medo! E eis que agora eu era temido. Queria me divertir com isso até engasgar, mas isso havia se tornado impossível para mim. ³

Fanon aborda os efeitos do olhar branco, que descreve como um peso opressor. Trata-se de um olhar colonizador que inferioriza, visto que busca eliminar o outro, à medida em que o negro é, para o branco, aquele que é visto como não-eu, como não identificável, não assimilável.

Segundo Fanon, esse olhar pode ter efeitos devastadores, podendo gerar, no negro, dificuldades na elaboração de seu esquema corporal, e que este, quando atacado, pode desabar.

Em “O estádio do espelho”, Lacan nos mostra o caráter constituinte do processo pelo qual o bebê, ainda imerso na imaturidade motora, fruto da prematuridade própria ao ser humano, antecipa numa miragem a forma total de seu corpo, constituindo a “matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial”⁴.

No estádio do espelho, o bebê vai da insuficiência à antecipação, criando uma imagem de unidade corporal que se sucederá ao despedaçamento. Trata-se de uma identidade alienante, como uma armadura que marcará toda a for-

mação do sujeito. Lacan utiliza a metáfora de um campo fortificado ao abordar a constituição do [eu].

Para Fanon, esse olhar hostil é capaz de abalar toda essa ficção da unidade corporal, fazendo o sujeito vivenciar seu próprio despedaçamento: “meu corpo me era devolvido desmembrado, desmantelado, arrebatado, todo enlutado naquele dia branco de inverno” ⁵.

Fanon afirma que o negro, enquanto permanece na sua terra, convivendo junto aos seus, adota uma visão de mundo branca, absorve como sua a atitude subjetiva do branco, simplesmente porque “inexiste expressão negra” ⁶. Apresenta um exemplo que bem ilustra essa afirmação, retirado de redações de crianças negras que, ao serem perguntadas sobre suas férias, respondiam que sua alegria advém de poder correr nos campos, respirar ar puro e ficar com as bochechas rosadas. Assim, Fanon chega à conclusão de que o negro tem um mito a confrontar.

Um mito fortemente ancorado. O negro não tem consciência disso enquanto sua existência decorrer em meio aos seus; mas, ao primeiro olhar do branco, ele sente o peso de sua melanina. ⁷

Acrescenta que é a partir desse confronto que começa o verdadeiro aprendizado, visto que o obriga a enfrentar problemas que até então não haviam aflorado, problemas esses decorrentes da percepção de diferenças que eram ignoradas até então.

Diante do mal-estar proveniente desse confronto, alguns sujeitos podem endereçar suas questões à psicanálise. Como acolhê-los, a partir de uma leitura que não individualize seu sofrimento?

Mediante as elaborações sobre a formação do [eu] contidas no “Estádio do Espelho”, podemos ler alguns efeitos subjetivos do racismo descritos por Fanon, o que pode contribuir para uma leitura do sofrimento decorrente de olhares e atitudes discriminatórias que inferiorizam, buscando o aniquilamento das diferenças.

Dessa forma, observamos que o arcabouço teórico da psicanálise, aliado a autores que se debruçam sobre o tema do racismo, pode contribuir para acolher as particularidades advindas do fato de possuir um corpo negro no Brasil.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel PSICANÁLISE E RACISMO. Cartelizantes: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Gerson Abarca, Maria Eduarda Ramos Gazel, Maria Verônica da Silva, Marcelle Xavier C Rodrigues, Thaís Aguiar Gomes.
- 2 BONFIM, Flavia Gaze; SCHECHTER, Rosa. Psicanálise e Racismo: entre os tempos de ver, compreender e concluir. **Ayvu: Revista de Psicologia**, v.07, 2020. p.3. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/43469>
- 3 FANON, Frans. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu editora, 2020. p.127.
- 4 LACAN, Jacques. **Escritos**. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. p.197.
- 5 FANON, 2020. p.129.
- 6 FANON, 2020. p.168.
- 7 FANON, 2020. p.165.

ADOLESCÊNCIA E SEXUAÇÃO¹

Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer

ella_rafa@hotmail.com

Frequentemente, na clínica com adolescentes, evidencia-se um mal-estar que se manifesta através de angústia, tristeza, apatia, falta de sentido, *actings* e tentativas de suicídio. A partir desses elementos da clínica, investigo sujeitos adolescentes pelo viés da psicanálise de orientação lacaniana.

Freud em “Os três ensaios sobre as teorias da sexualidade” trata da existência da sexualidade desde a infância, e divide os ensaios nos temas: perversões, sexualidade infantil e as transformações da puberdade. O seu terceiro ensaio demonstra que da infância à vida adulta há uma troca de objeto da pulsão, do modo infantil (autoerótico) à maneira definitiva (sexual). Portanto, a partir da puberdade, a pulsão encontra o objeto sexual. Freud ainda descreve que “a normalidade da vida sexual” só é assegurada pela convergência de duas correntes, da ternura e do sensual, em direção ao objeto, cuja meta é o sexual.

Freud utiliza uma metáfora: é como a travessia de um túnel perfurado pelos dois lados, onde podemos compreender o quão ela pode ser complicada, visto que não há um manual de instruções desse caminho que será percorrido por cada um. Na puberdade ocorrem mudanças no corpo que implicam uma diferenciação entre os caracteres masculinos e os femininos. Assim, mesmo que ocorram as transformações no corpo, sejam masculinas ou femininas, essas ainda não são suficientes para descrever ou nomear o que é um homem e o que é uma mulher. Logo, a descoberta de Freud é que na puberdade há o encontro com o outro sexo, no qual o real se apresenta.²

Freud e Lacan foram leitores de Wedekind, dramaturgo alemão, autor de “O Despertar da Primavera”. A peça conta a história, ainda contemporânea, na qual três adolescentes, Wendla, Moritz e Melchior, experimentam os impasses do encontro com a sexualidade. Moritz descreve sentir-se estranho, perturbado, na medida em que questiona o sentido da vida e a necessidade de frequentar a escola, pois sofre com a exigência do sucesso escolar. Portanto, Moritz expressa que seus pensamentos estão nas meninas e tomados de inquietações diante de seus impulsos sexuais, na medida em que seu interesse está voltado para saber sobre a reprodução sexual. Ele busca na enciclopédia sobre a questão que ele intitula a mais importante da vida, e não encontra respostas. Diante do fracasso escolar e do fracasso do saber sobre o sexual, Moritz passa ao ato e se exclui para o além.³

No prefácio da peça, Lacan (1974) diz que Freud demarcou aquilo que a sexualidade faz furo no real. Esse é um fato de que ninguém escapa ileso. Na sexualidade não há nada que dite como se comportar. Então, ao fazer furo no real, a sexualidade reenvia o adolescente a um vazio por não haver palavras para nomear. Logo, a puberdade acontece independente de se estar preparado ou pronto. Para o adolescente, fazer amor implica que ele possa ser mal sucedido, mas isso é para todo mundo.⁴

Lacan formula esse processo da iniciação sexual em dois tempos lógicos: no primeiro tempo, para o adolescente há um véu sobre o mistério da sexualidade, no qual ele acredita que existe a relação sexual; já no segundo tempo, vale dizer que existe um véu que é levantado, mas não se mostra nada, pois revela-se

o furo nesse ponto, de onde se cristaliza a existência da não relação sexual, o que em última instância se equivale ao real.

No Seminário 20, Lacan trata da não existência da relação sexual e destaca que sexuação é uma posição de gozo. Como posições de gozo, temos o gozo fálico e o gozo não-todo fálico. E na vida, as posições de gozo podem ser transmutadas. A relação sexual é um impasse, justamente por ser dominada pela impossibilidade de se estabelecer uma enunciação.⁵

A vida se complica por conta do encontro traumático com a inexistência da relação sexual. Wedekind coloca em cena a não relação sexual da teoria lacaniana. Na peça, evoca-se a questão do gozo, e com o personagem de Moritz vemos que não são todos os que alcançam um saber fazer com o gozo.

Na clínica aprendemos com os adolescentes que buscam um lugar para dar conta dessa experiência traumática. Vemos como cada um constrói uma saída, ou não, para esse túnel descrito por Freud. Nessa travessia, no encontro com o analista – ao trabalhar um saber fazer com o gozo que porta – o adolescente pode subjetivar sua posição sexuada, o que ocasiona uma saída contingente, como aquela que pode encontrar um gozo que se concilie com o amor, com o desejo e com a pulsão.

REFERÊNCIAS

1 Cartel O MISTÉRIO DA SEXUAÇÃO. Cartelizantes são: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Carlos Alberto de Sá Barros Jr., MailaThaiane Rocha Siqueira, Olenice Amorin Gonçalves, Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer.

2 FREUD, Sigmund. Os Três ensaios sobre as teorias da sexualidade. 1905. Edição Standart Brasileiras de Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.196.

3 WEDEKIND, Frank. O despertar da primavera. 1891. São Paulo: Temporal Editora, 2022.

4 LACAN, Jacques. Outros escritos. Prefacio a O despertar da primavera. 1973. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. pp. 557-558.

5 LACAN, Jacques. Seminário, livro 20: mais, ainda. 1972-1973. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 14, 38.

SEMBLANTES E PARCERIA AMOROSA¹

Adriana Gonring

adrianagonring@gmail.com

“Pois bem. O que se evoca de gozo ao se romper um semblante, é isso que no real – aí está o ponto importante, no real – se apresenta como ravinamento das águas.”² Oriento-me no estudo, visando localizar porque o rompimento de um semblante pode levar ao desenlace amoroso, à agressividade, à devastação e até mesmo à violência entre os parceiros, fenômenos recorrentes na cultura, com maior incidência nas demandas que surgem para tratamento.

“De que se trata ali onde isso não fosse semblante?”, Lacan diz que tudo que é discurso só pode dar-se como semblante e que “É por um discurso centrar-se como impossível, por seu efeito, que ele teria alguma chance de ser um discurso que não fosse semblante”.³ Destaco aqui o impossível, nome do real. Podemos supô-lo na frase seguinte: “[...] A linguagem detém uma lógica que ultrapassa em muito tudo o que conseguimos cristalizar

ou desvincular dela” (Ibid). A linguagem engendra um discurso, mas há àquilo que a transcende. Outro modo de dizer, é o dito lacaniano, “a fala sempre ultrapassa o falante, o falante é um falado.” ⁴

Em cada discurso, o lugar do agente é o lugar do semblante. O discurso do mestre tem como agente o S1, significante-mestre, é um modo de laço que se “[...] constitui o lastro, a estrutura, o ponto forte em torno do qual se ordenam diversas civilizações, é porque seu motor, afinal, é de uma ordem muito diferente da violência” ⁵. Sustenta-se de semblantes e a violência é um efeito de ruptura de um semblante, um impasse à civilização. O discurso do mestre operou, no século XX – marco do nascimento da psicanálise e expansão do discurso psicanalítico - ordenado pelo simbólico, pelo Nome-do-pai. É por pertencer ao simbólico que o significante-mestre consegue organizar o mundo ⁶. Sob o domínio da função do falo e da significação fálica, os semblantes sustentam as parcerias amorosas, conforme nos revelou Freud, à sua época. A sexualidade humana é subjacente a tudo que acontece com o discurso:

Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem. É isso que constitui a relação com a outra parte. É à luz disso, que constitui uma relação fundamental, que cabe interrogar tudo o que, no comportamento infantil, pode ser interpretado como orientando-se para esse parecer-homem. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante. ⁷

O falo é o semblante em torno do qual, precocemente, giram as questões pertinentes à diferença sexual, quem tem e quem não tem o falo. Na idade adulta, os seres falantes, distribuem-se entre homens e mulheres, na sua posição sexual, pela dialética de quem tem o falo e aquele que é o falo. O enlaçamento é pela dimensão do semblante, não se abstrai da anatomia e nem das convenções sociais. Lacan, diz que o comportamento sexual humano encontra uma referência, no semblante da exibição sexual dos mamíferos superiores. Porém, o semblante no humano é veiculado por um discurso e é somente neste nível de discurso, que ele é levado também para um efeito que não fosse semblante: “[...] Isso significa que, em vez de ter a refinada cortesia animal, sucede aos homens violar uma mulher,

ou vice-versa”. É o que retorna de gozo, ao se romper um semblante, especificado por Lacan, na passagem ao ato.

Lacan diz que a mulher, na relação com o homem, é precisamente a hora da verdade e, quanto ao gozo sexual, ela pontua a equivalência entre o gozo e o semblante. O homem precisa manter o *status* do seu semblante, o fálico. Já a mulher, “nisso que ela é o Outro... sabe melhor o que é disjuntivo no gozo e no semblante.”⁸. As mulheres desvelam o que encobre o real, ao experimentar um gozo que não é todo circunscrito pela insígnia fálica. Encontram o impossível do “ser” mulher e não há um significante que nomeie seu ser de gozo: *A mulher não existe*. As mulheres experimentam um gozo, não-todo fálico, mas também se apropriam de semblantes, para colocar em cena algo do desejo, da feminilidade. As parcerias amorosas, sofrem os efeitos do desarranjo da ordem simbólica⁹. Encontram seus obstáculos, quando o real que ex-siste, aponta para o não *há relação sexual*, quando caem semblantes.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel LEITURA DO SEMINÁRIO: LIVRO 18 – LACAN. Cartelizantes: Ceres Lêda Félix de Freitas Rúbio (Mais-Um), Alberto Murta, Adriana Gonring, Adriana G. Pessoa, Ana Paula Fernandes Rezende.
- 2 LACAN, Jacques. Seminário, Livro 18, De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. p.114.
- 3 Ibid, p.21.
- 4 Ibid, p.73.
- 5 Ibid, p.25.
- 6 MACHADO, Ondian; RIBEIRO, Vera Lúcia Avellar (orgs). Um real para o século XXI. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.
- 7 LACAN, 2009. p.31.
- 8 Ibid, p.33.
- MILLER, Jacques-Alain. Mulheres e semblantes II. Opção Lacaniana online nova série Ano 1 • Número 1 • Março 2010 • ISSN 2177-2673.
- 9 _____. Todo el mundo es loco. Buenos Aires: Paidós, 2015.

A PSICANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE ANTIRRACISTA¹

Gerson Abarca Silva

gersonabarcapsicologo@gmail.com

Comecei a pesquisar como a Psicanálise pode contribuir na construção da sociedade antirracista a partir da convocação de Djamila Ribeiro: “afinal, o antirracismo é uma luta de todos e todas.”²

Neste processo, veio-me a pergunta: Como poderia contribuir nesta causa através da minha profissão, sendo eu branco privilegiado e que ao longo dos anos sempre utilizei como ferramenta teórica a Psicanálise que tem sua origem europeia?

Com esta pergunta, iniciei leituras de pesquisadoras negras e pesquisadores negros. Começando por Lélia Gonzalez³, identifico o conceito de **Neurose Cultural Brasileira** que aporta do conceito lacaniano “sujeito suposto saber”: “No caso da criança, a mãe é vista como sujeito

suposto saber, uma vez que lhe atribui um saber quase que onisciente.”⁴, quando fala da mãe preta.

A partir de Lélia Gonzalez, uma das pesquisadoras mais exponentes do movimento negro no Brasil, que se utiliza da Psicanálise para construir seu conceito de Neurose Cultural Brasileira, entendi que a Psicanálise pode contribuir nesta causa antirracista. Assim, posso, também pela Psicanálise, atuar tanto na escuta clínica, como nas diferentes intervenções sociais e educacionais as quais desenvolvo, na perspectiva antirracista.

No início de 2023, comecei a participar deste Cartel. Começamos estudando Franz Fanon, que no seu texto “Pele negra, máscaras brancas” (2020), traz seus questionamentos sobre a Psicanálise, principalmente quando esta fica presa aos moldes eurocêtricos. Em um de seus vários questionamentos, quando aponta para a vertente do Complexo de Édipo na construção imaginária do triângulo edipiano, afirma que não há o Complexo de Édipo para o negro: “[...] queira-se ou não, o Complexo de Édipo está longe de ser uma realidade entre os negros. [...], nas Antilhas Francesas 97% das famílias são incapazes de gerar uma neurose edipiana.”⁵ Porém, Fanon estabelece o diálogo com a Psicanálise a partir de Lacan no quesito do Édipo enquanto ascensão ao simbolismo.

No Cartel, fomos buscar em Lacan esta leitura do Complexo de Édipo que vai para além da perspectiva da família nuclear europeia centrada no pai, mãe e filhos, o que nos abre novos olhares para a configuração do complexo de Édipo nas diferentes culturas.

Se na análise psicológica do Édipo ficou evidente que ele deve ser compreendido em função de seus antecedentes narcísicos, isso não quer dizer que ele se funde fora da realidade sociológica [...] a autoridade familiar nas culturas matriarcais, não é representada pelo pai, mas ordinariamente pelo tio materno [...]. Essa separação da função acarreta um equilíbrio diferente do psiquismo, [...] esse equilíbrio demonstra, felizmente, que o complexo de Édipo é relativo a uma estrutura social.⁶

Assim, podemos dar continuidade a esta chave de leitura no pensar a es-

trutura do povo da África Negra, que na diáspora escravagista, foi dizimado nas suas configurações familiares, na sua forma originária, mas que hoje na sociedade brasileira, preserva sua força e pode resgatar sua ancestralidade na articulação das comunidades periféricas onde a maioria do resgate à identidade negra, que fica no embate racial a partir do referencial europeu, como nos aponta Fanon ⁷: “[...] na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos.”, olhar pela questão cultural traz novas perspectivas da Psicanálise para esta causa.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel PSICANÁLISE E RACISMO. Cartelizantes: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Gerson Abarca, Maria Eduarda Ramos Gazel, Maria Verônica da Silva, Marcelle Xavier C Rodrigues, Thaís Aguiar Gomes.
- 2 RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019. p.15.
- 3 GONZALEZ, Léia. Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos. 1ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2020. p.73.
- 4 Ibid, p.54.
- 5 FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo, UBU Editora, 2020. p.167.
- 6 LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo: Ensaio da Análise de uma função em Psicologia. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2008. pp.53-54.
- 7 FANON, 2020, p.181.

EXCESSO, ECONOMIA POLÍTICA E ECONOMIA SUBJETIVA¹

Fabício Martins Pinto

fabricao.martinspinto@gmail.com

Este texto é produto do percurso realizado no cartel “Seminário 16”, percurso que fiz — e faço — perseguindo a seguinte questão: *qual a função do excesso na economia política e na economia subjetiva?* — mais precisamente, na economia da *subjetivação*. Proponho, nesta oportunidade, apresentar alguns elementos cartografados a partir dessa questão, partindo do entendimento que a emergência da psicanálise inaugurou aquilo que podemos entender como uma *problemática econômica* nos processos de subjetivação e na clínica. Problemática evidente desde Freud, na *concepção quantitativa* do “Projeto para uma psicologia científica”², onde podemos ver que está na gênese do processo de subjetivação um plano de forças, fluxos de intensidades, de natureza intensiva e quantitativa, com um regime de circulação e princípios próprios — o prazer como princí-

pio, regente dos processos primários³ —, tratando-se de uma economia *psíquica*, da qual a pulsão (*Trieb*) vem a se definir como conceito fundamental (*Grundbegriff*).⁴

Essa problemática econômica ressoa também no ensino de Lacan, por exemplo, quando essa economia é retomada distintamente ante a referência energética e fisicalista que por ventura pairava no texto freudiano. No Seminário 16, realizado na efervescência política dos movimentos do maio de 68 francês, Lacan retoma a economia subjetiva pela *economia política* — muito próximo, diga-se de passagem, das teses de Deleuze e Guattari no primeiro volume de “Capitalismo e esquizofrenia”, e que mantém sua contemporaneidade, sobretudo se levarmos em consideração as relações entre clínica e política.

A partir da economia política, Lacan destaca, na economia da subjetivação, o que tem relação de *homologia* com o mais-valor (*Mehrwert*) de Marx (1867/2017) — relação de homologia com o mais-valor, não de analogia, não se trata de um paralelismo; Lacan diz: “Trata-se do mesmo tecido, na medida em que se trata do recorte de tesoura do discurso.”⁵ E o que é isso, na economia da subjetivação, que Lacan designa homólogo ao mais-valor? É, pois, o mais-de-gozar (*plus-de-jouir*): “[...] função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto a. [...] o mais-de-gozar é aquilo que permite isolar a função do objeto a.”⁶

Observamos aí que mais-valor e mais-de-gozar, ambos dizem respeito a um excesso na economia, subjetiva e política; ambos dizem respeito a um *a mais* que é extraído e espoliado; ambos apresentam a função do excesso na problemática econômica. Excesso que, num primeiro momento, pode até ser inutilizável, e não ter uma funcionalidade além de exceder: é assim, como *excesso inutilizável* que Freud⁷ descreve o cômico, ao mesmo tempo em que mostra o chiste (*Witz*) como manifestação do Inconsciente e processo social – e vale notarmos que não é sem motivos que o chiste se torna tema da lição III no Seminário 16. Um excesso que pode até parecer inutilizável, mas que pode ser também redirecionado ao processo de produção subjetivo e político, e funcionar de maneira utilitária.

No caso do mais-valor, o refluxo autônomo no movimento desmedido do capital,⁸ Com Lacan, talvez seja viável pensarmos o refluxo desse mais-de-gozar

e o circuito infinito de um estranho consumo, também autônomo e desmedido, que é mais uma mortificação do que uma ligação com um bem do qual se usufrui – pensemos, por exemplo, nos casos de compulsão. Aí, o excesso do mais-de-gozar se revela mais-valor a serviço do capital, útil a seus fins e sua mortificação. Assim, o excesso se torna economicamente útil na medida em que é reconduzido ao processo de produção ou silenciado nesse tipo de consumo – tentativa um tanto inútil, porque o excesso sobrevém. Conforme Miller ⁹, o mais-de-gozar redimensiona o plano do gozo na obra de Lacan: com essa noção, os objetos pulsionais e a experiência parcelada de gozo se amplificam politicamente por todos os objetos do mercado dos bens produzidos pela pulsão.

Talvez seja por se propor a lidar com o que é inutilizável e excessivo que a psicanálise pode apresentar, junto de uma ética, uma *política econômica* – isto é, no nível dos processos de subjetivação – muito mais *trágica* do que servindo ao *serviço dos bens* – para se valer de um termo empregado por Lacan ¹⁰. A clínica talvez exija isso, cada vez mais e mais: uma lida com o excesso e seus destinos. Diante do que outras questões devem: quais os destinos do excesso inutilizável numa experiência psicanalítica? Quais as condições para que um excesso produtivo e quais as condições da mortificação do excesso? Ou, ainda: como o excesso pode operar como resistência, no sentido forte do termo, nessa roda morta da produção de mais-valor, e não se reduzir a um excesso útil à reprodução ou ao consumo, ao serviço dos bens? Questões inacabadas, que aqui apresento como produto do trabalho no cartel, e aqui partilho com quem mais se interessar em pensá-las.

REFERÊNCIAS

- 1 Cartel DE LEITURA DO SEMINÁRIO 16 – JACQUES LACAN. Cartelizantes: Bartyra Ribeiro de Castro (Mais-Um), Fabrício Martins Pinto, Gabriela Morais Machado, Marcelo Anderson Gava Correia, Vitória Roncon Cova.
- 2 FREUD, Sigmund. (1895-1950). Projeto para uma psicologia científica. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1.
- 3 _____. (1900). A interpretação dos sonhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 4.
- 4 _____. (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 6.
- 5 LACAN, Jacques. (1968-1969). O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p.44.

6 Ibid, p.19.

7 FREUD, Sigmund (1905b). O chiste e sua relação com o inconsciente. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v. 7. p.275.

8 Marx, Karl. (1867). O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017. p.228.

9 Miller, Jacques-Alain. (2012). Os seis paradigmas do gozo. Opção lacaniana, v. 26, n. 27, p. 87-105, 2012.

10 Lacan, Jacques. (1959-1960). O Seminário, livro 07: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MAIS-UM, HETERO¹

Jaqueline Coelho

jaquemoreira@hotmail.com

Lacan coloca o cartel no centro do trabalho de sua Escola. No “Ato de fundação”, ele diz: “para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo”². Este deve operar como uma “máquina antididata”³. Nesse sentido, não é difícil entender como o cartel serve a uma guerra contra a mestria. A aposta em um funcionamento horizontal vai nesse sentido.

Lacan tirava consequências da experiência de Bion na reabilitação de soldados. Se comparamos a descrição feita em “A psiquiatria inglesa e a guerra”⁴ com as proposições expostas em D’écolage, percebemos como Lacan complexifica sua compreensão do funcionamento dos pequenos grupos, de modo que institui a permutação para “prevenir o efeito de cola”⁵ e funda a liderança em uma função, como prevenção de que ela se deposite em uma pessoa. A partir do Mais-um, a liderança se vê reduzida ao mínimo: ele pode ser qualquer um, mas deve ser alguém. “Cabe a ele a tarefa de velar pelos efeitos in-

ternos à empreitada e de provocar nela a elaboração”⁶ ou, nas palavras de Miller, “fazer buracos nas cabeças”⁷. Somada a isso, a função do Mais-Um, na lógica do cartel, adquire um caráter paradoxal, “ao estilo de um conjunto de Russel”⁸, pois ele deve “dar coerência ao grupo e, ao mesmo tempo, [...] descompletá-lo”⁹.

Contudo, se esse elemento adquire o caráter de heterogêneo, ao nosso modo de ver, a homogeneidade dos demais é temperada, talvez turvada, também pelas indicações de que deve, cada um, trabalhar em torno de sua própria questão, ou traço próprio, e se apropriar da tarefa de elaboração de um produto.

Uma experiência

Em setembro do ano passado, um dia após o final das III Jornadas da EBP-LO, sobre o mistério da sexualidade, onde apresentei um trabalho com viés clínico em uma plenária, recebi a demanda para ser Mais-um de um cartel que já estava se reunindo há alguns meses. Na mensagem, que me chegou por *WhatsApp*, a jovem que a mim se dirigia justificava um pouco a escolha feita pelo grupo. Alguma coisa no trabalho que eu acabava de apresentar naquelas Jornadas fez precipitar a decisão. Me explicava também que os companheiros de leitura, tal como ela própria, eram todos LGBT e brincou que eu seria a única hétero caso aceitasse o convite. Foi intrigada pela escuta desse detalhe que agendei a primeira conversa com o grupo, não sabendo o que me aguardava. De todo modo, me pareceu que hetero, um sinônimo para “outro”, parecia um bom lugar a um Mais-um, se eu soubesse dele me servir.

Nesse encontro, alguns pontos se destacaram: o primeiro diz respeito a certo receio desses jovens de que suas questões, que circulavam também em torno de temas identitários, não pudessem ser acolhidas por um Mais-um. Por outro lado, havia o aspecto de que o grupo, que assim se constituía naquela época, se sabia confortável cerrado sobre si. Eles se reuniam, estudavam, debatiam e criticavam alguns textos psicanalíticos pela relação que esses estabeleciam com as teorias do gênero. Passados alguns meses de encontros contínuos, se viram diante da pergunta sobre se consentiriam realmente em abalar aquela harmonia que ali havia se estabelecido. Estava “divertido”, disseram. Entretanto, ainda que a diversão não seja vedada, escutei que um pouco também estavam advertidos

e, em razão disso, deram o passo rumo ao cartel. Como hetero, me convidavam a descompletá-los e a fazê-los desconsistir enquanto, puramente, um grupo.

Não ignoramos, contudo, que tais equilíbrios são instáveis: de modo que o desafio se mantém e outros se agregam. As crises são constitutivas dos cartéis e cabe ao Mais-um manejá-las no sentido de reenviar o grupo ao trabalho. Isso não impede que, por ora, possamos valorizar os bons frutos desse cartel. A exemplo deles, em seu trabalho proposto a estas Jornadas, Rafaela de Oliveira Quixabeira deu testemunho dos efeitos do cartel em sua formação. De acordo com ela, o cartel contribuiu para uma transformação que a dirigiu de uma posição demandante a outra desejante em relação ao saber, ao mesmo tempo em que sua angústia e inibição puderam ceder lugar à elaboração. A produção escrita no âmbito da Escola, impossível até então, acedeu a um caráter contingencial, cessando de não se escrever.

REFERÊNCIAS

- Cartel GOZO E IDENTIDADE. Cartelizantes: Jaqueline Moreira Coelho (Mais-Um), Henrique Lopes, Hygor Porto Dutra, Mario Neto, Rafaela Oliveira Quixabeira.
- 2 Lacan, J. (1971/2003) Ato de fundação. Em: Outros escritos. Rio de Janeiro, Zahar. P. 235
- 3 Miller (1994/2021). O cartel no centro de uma Escola de psicanálise. Em: Cartel, novas leituras. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.
- 4 Lacan, J. (1947/2003). A psiquiatria inglesa e a guerra. Em: Outros escritos. Rio de Janeiro, Zahar
- 5 Lacan, J. (2010) D'écolage. Em: Manual de carteis, p. 14.
- 6 *Ibid.*
- 7 Miller, J.-A. (1986/2010). Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada. Manual de Cartéis.
- 8 Bassols, M (2021). A porta do Cartel. Em: Cartel, novas leituras. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 50.
- 9 *Ibid.*
- 10 "O dispositivo de cartel e seus efeitos de formação" – Rafaela V. de Oliveira Quixabeira. Trabalho produto do cartel "Gozo e identidade" e proposto às III Jornadas de Cartéis da EBP-LO, em dezembro de 2023.



PROGRAMA

III Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste

PROGRAMA

(Horário de Brasília)

ID da reunião: 958 5310 2434

Senha: 796953

01/12 - SEXTA-FEIRA

20:00 à 20:15 - ABERTURA

CLAUDIA MURTA

Membro EBP/AMP – Diretora de Cartéis e Intercâmbio da SLO e Coordenadora III Jornadas de Cartéis da SLO

20:15 à 21:45 - PLENÁRIA I

Convidada – MARILSA BASSO

Membro EBP/AMP – Diretora de Cartéis e Intercâmbio da EBP

Comentários – ALBERTO MURTA

AME/EBP/AMP e Presidente do Conselho-SLO

02/12 - SÁBADO

ID da reunião: 959 1921 1220

Senha: 662858

MESAS SIMULTÂNEAS - MANHÃ

MESAS PARES: SALA 1 e MESAS ÍMPARES: SALA 2

9:00 à 10:30 – MESA 1 – Coordenação: TÂNIA MARTINS

ADRIANO MOREIRA – As máscaras de Eros.

YANA LISSANDRETTI – Cenas de um casamento: desenlaces entre desejo e amor.

WALÉRIA PAIXÃO – A mulher e a violência.

CERES RÚBIO – O semblante, não sem o gozo – o homem e a mulher.

9:00 à 10:30 – MESA 2 – Coordenação: ROSÂNGELA RIBEIRO

DANIELE RODRIGUES – As nuances da linguagem no Autismo.

REGINA CHELI PRATI – A relação com os pais, o corpo e a constituição do falasser autista.

MATHEUS SILVA CASQUER – Proposições iniciais para um estudo sobre o autista e seu lugar social.

RENATA COELHO TAVARES IMPERIAL – Sobre contexto: algumas elaborações sobre o sexual no autismo.



**Escola Brasileira
de Psicanálise**
Seção Leste-Oeste



Goiânia-GO:

Rua Dr. Olinto Manso Pereira
St. Sul; nº 673; Sala 305
CEP: 74080-100



Vitória-ES:

Rua Nossa Senhora da Penha, nº 699
Ed. Century Tower, Torre A, salas 814 e 815;
CEP: 29056-245



Campo Grande-MS:

Rua Rui Barbosa;
nº 4138; Centro
CEP: 79002-364



Brasília-DF:

SCAS 910, Conjunto B, Bloco E
Sala 119, Mix Park Sul, Asa Sul
CEP: 70390-100

III Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste

10:30 à 10:40 - INTERVALO

10:40 à 11:55 – MESA 3 – Coordenação: TÂNIA PRATES

MARCELO GAVA – A inconsistência do Outro.

FERNANDO REIS – Um furo no muro de linguagem – Uma perspectiva de entrada em análise pelo traumatismo.

FÁBIO PAES BARRETO – O falasser autista e o universal dos espectros.

10:40 à 11:55 – MESA 4 – Coordenação: CARLA SERLES

ANA CLARA ZAIDEN MODESTO – Gênero, estrutura ou modos de gozo.

LUANA SANTOS – As fórmulas da Sexuação na clínica com criança.

ANNA ROGÉRIA OLIVEIRA – Transexualidade e a recusa do feminino.

12:10 à 13:30 – ALMOÇO

MESAS SIMULTÂNEAS – TARDE

MESAS PARES: SALA I e MESAS ÍMPARES: SALA II

ID da reunião: 926 4060 3623

Senha: 235861

13:30 à 14:45 – MESA 5 – Coordenação: ALBERTO MURTA

ROBSON CAMPOS – O desejo do analista no horizonte.

RAFAELA QUIXABEIRA – O dispositivo de cartel e seus efeitos de formação.

ORDÁLIA ALVES JUNQUEIRA – A política da direção do tratamento.

13:30 à 14:45 – MESA 6 – Coordenação: CRISTIANO PIMENTA

MARCELLE RODRIGUES – A branquitude é realizável a partir da ausência do seu corpo.

SILVANA AMADO BUAINAIN – Considerações iniciais para o estudo da direção da cura em crianças autistas.

IVANA PEIXOTO BUENO CORVA – O corpo na psicose, inventar um uso.

14:45 à 14:55 – INTERVALO

14:55 à 16:10 – MESA 7 – Coordenação: DENIZYE ZACHARIAS

MARIA EDUARDA RAMOS GAZEL – Entre o branco e o preto: a fronteira.

TATIANNE MIL HOMENS FELIPE – Feminismos e sexuação.

ELISA MARTINS UYTENHOVE – O olhar como objeto pequeno a.



**Escola Brasileira
de Psicanálise**
Seção Leste-Oeste



Goiânia-GO:

Rua Dr. Olinto Manso Pereira
St. Sul; nº 673; Sala 305
CEP: 74080-100



Vitória-ES:

Rua Nossa Senhora da Penha, nº 699
Ed. Century Tower, Torre A, salas 814 e 815;
CEP: 29056-245



Campo Grande-MS:

Rua Rui Barbosa;
nº 4138; Centro
CEP: 79002-364



Brasília-DF:

SCAS 910, Conjunto B, Bloco E
Sala 119, Mix Park Sul, Asa Sul
CEP: 70390-100

III Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste

14:55 à 16:10 – MESA 8 – Coordenação: GIOVANNA QUAGLIA

CARLOS ALBERTO DE SÁ BARROS JR. – Expressões do masoquismo feminino.
ADRIANA GOMES PESSOA – Semblante e o não-toda.
CLAUDIA MURTA – Inibição, Sintoma.

16:10 à 16:20 – INTERVALO

16:20 à 17:35 – MESA 9 – Coordenação: RUSKAYA MAIA

THAÍS AGUIAR GOMES – Por uma escuta clínica que leve em consideração a existência do racismo.
RAFAELLA CUNHA PFRIMER – Adolescência e Sexuação.
ADRIANA GONRING – Semblantes e parceria amorosa.

16:20 à 17:35 – MESA 10 – Coordenação: MARILSA BASSO

GERSON ABARCA SILVA – A psicanálise na construção da sociedade antirracista.
FABRÍCIO MARTINS PINTO – Excesso, economia política e economia subjetiva.
JAQUELINE COELHO – Mais-um, hétero.

17:35 à 17:45 – INTERVALO

17:45 à 18:15 – PLENÁRIA II – ENCERRAMENTO

CLAUDIA MURTA – Membro EBP/AMP Diretora de Cartéis e Intercâmbio da SLO e Coordenadora III Jornadas de Cartéis da SLO.
RUSKAYA MAIA – Membro EBP/AMP Diretora Geral da SLO.
MARILSA BASSO – Membro EBP/AMP e Diretora de Cartéis e Intercâmbio da EBP.